



1290005030



FE

TCC/UNICAMP P665e

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Um estudo sobre as escolhas e rejeições de crianças no contexto
escolar

MARIANA LA FERRERA PIRES

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Selma de Cássia Martinelli

The Ferrera Pires

Campinas 2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Um estudo sobre as escolhas e rejeições de crianças no contexto
escolar

MARIANA LA FERRERA PIRES

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Selma de Cássia Martinelli

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para a conclusão do
curso de Pedagogia, da Faculdade de
Educação da Unicamp, sob a orientação da
Prof^ª. Dr^ª Selma de Cássia Martinelli.

Campinas 2010

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	Tec/Unicamp
	P665e
V:	EX:
Tombo:	5030
PROC.:	134/10
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	05/10/10
CÓD TÍTULO:	771312

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

P665e Pires, Mariana La Ferrera
Um estudo sobre as escolhas e rejeições de crianças no contexto escolar /
Mariana La Ferrera Pires. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Selma de Cássia Martinelli.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sociometria. 2. Relações interpessoais. 3. Escolha (Psicologia). 4.
Professoras. 5. Ensino fundamental. I. Martinelli, Selma de Cássia. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-185-BFE

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Campinas. Para este estudo, foram observadas uma turma de primeira e uma de segunda série, com o objetivo de melhor compreender as relações interpessoais de crianças dentro do contexto escolar. Participaram deste trabalho um total de 32 crianças, 17 da primeira série e 15 da segunda série, além das professoras das duas turmas. O trabalho realizado consistiu em observar o cotidiano das crianças e realizar uma abordagem perceptual do teste sociométrico, proposto por Moreno (1962) com os alunos. Na primeira etapa do teste, as crianças responderam por escrito às seguintes perguntas: quem da sua classe você gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?; Com quem da sua classe você gostaria de brincar?; Quem da sua classe você não gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?; Com quem da sua classe você não gostaria de brincar?. Para cada pergunta, o aluno deveria escolher três colegas da turma, em ordem de preferência. Em seguida, em uma conversa individual, as crianças explicaram os motivos que as tinham levado a realizar suas escolhas. As professoras também foram solicitadas a responder este mesmo questionário, escolhendo as crianças que ela acreditava que receberiam mais escolhas para cada questão.

As respostas obtidas foram divididas em categorias e analisadas de acordo, principalmente, com a teoria de Moreno. Foram encontradas nas falas das crianças justificativas de cunho afetivo, intelectual, de comportamento, de gênero e de aspectos físicos. As respostas variam entre as séries e entre as escolhas de meninos e meninas. Foram observadas, finalmente, as conseqüências que tais escolhas e rejeições têm na maneira de se relacionar dessas crianças em sua rotina escolar.

SUMÁRIO

1. A TEORIA DE MORENO	1
1.1 Vida e Obra	1
1.2 As Bases da Sociometria	2
1.3 Fundamentos da Sociometria	11
1.4 O Teste Sociométrico	14
1.5 Aplicações práticas da Sociometria	17
2. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	22
3. METODOLOGIA	28
3.1 Objetivos	28
3.2 Participantes	28
3.3 Procedimentos de contato com a escola	28
3.4 Caracterização da escola	30
3.5 Caracterização das salas selecionadas para o estudo	30
3.6 Procedimento de coleta de dados	31
3.7 Instrumento	32
4. RESULTADOS	33
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

A TEORIA DE MORENO

1.1 Vida e Obra

O autor Marineau (1989) dedicou um livro para contar a história de Jacob Levi Moreno. Marineau afirma que a importância do trabalho de Moreno tinha sido devidamente reconhecida, mas pouco de sua vida era conhecida pelas pessoas, por isso realizou essa obra, que apresentaremos sinteticamente aqui.

Moreno nasceu em Bucareste, na Romênia, em maio de 1889. O autor cresceu em Viena, onde passou grande parte de sua vida. Começou um curso de filosofia e depois de dois anos, decidiu mudar e cursar medicina. Desde a juventude, era reconhecido por seu comportamento de oferecer ajuda às pessoas, o que fazia através da formação de grupos para realizar encenações e improvisações. Demonstrou, desde cedo, interesse pelas relações sociais. Ficou conhecido e era procurado por pessoas com dificuldades. Desenvolveu a idéia de um teatro em que os atores não representassem personagens, mas sim a si mesmos, retratando seus problemas individuais e os do público. Criou o Teatro da Espontaneidade, que incentivava a espontaneidade e a criatividade e, posteriormente, o teatro terapêutico. Essa evolução ocorreu através da observação de que os atores, após representarem seus problemas, tinham mais facilidade em superá-los.

Relatos sobre sua vida mostram uma intensa preocupação com as pessoas, além de diversas experiências práticas com grupos minoritários, excluídos por tratamentos terapêuticos praticados nessa época. Mesmo no exercício de sua profissão de médico, focava sua atenção não apenas no indivíduo e seus sintomas, mas também nos grupos que existiam em sua vida, como família e trabalho.

Em 1925 foi para os EUA. Lá, trabalhou em clínicas e instituições onde aplicava o psicodrama. Fundou um hospital para doentes mentais. Ao longo de seu trabalho, aprofundou os conceitos dentro da Sociometria, do Psicodrama, do Sociodrama e da Psicoterapia de Grupo.

Ficou conhecido especialmente pelo psicodrama, um método terapêutico realizado através de jogos de papéis, influenciado pelo teatro. Diferente de outras

terapias que se dão através de diálogos, relatos, a sua acontece através da ação e da encenação e é um trabalho com grupos.

Algumas de suas principais obras foram: Psicodrama, Fundamentos do Psicodrama, Fundamentos de la Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Psicodrama e O Teatro da Espontaneidade. Moreno faleceu nos EUA, no dia 14 maio de 1974.

1.2 As Bases da Sociometria:

Inicialmente, em seu livro "Fundamentos de La Sociometria", de 1962, Moreno analisa brevemente as concepções teóricas vigentes à sua época, mostrando suas falhas e apresentando a sociometria como uma nova concepção que, segundo ele, supera as anteriores.

Um dos autores que ele traz à discussão, talvez o autor com quem ele mais dialogue ao longo de sua obra, é Freud. A respeito da psicanálise, Moreno afirma que suas idéias representaram, sim, um grande passo no conhecimento sobre o indivíduo, no entanto aponta algumas ressalvas a essa teoria, por ser ela centrada apenas no sujeito e ter seu foco no passado. A sociometria, ao contrário, tem a intenção de atuar no presente e preocupa-se também com a ação espontânea do sujeito e dos processos conscientes. O enfoque no grupo também é algo que Moreno traz de novo em sua teoria, que será discutida mais a fundo posteriormente.

Discutindo também a corrente da escola de Nancy, fundada no século XIX pelo médico francês Bernheim, traz a questão do coletivo e do indivíduo. Esta concepção se propõe a estudar diferentes coletividades em diferentes condições e percebe o grupo como superior ao indivíduo. Moreno entende este ponto de vista como tendo uma percepção superficial do indivíduo, das interações entre indivíduos e de seu papel como constituintes de uma coletividade, reduzindo-os a símbolos. Para superar esta dificuldade, propõe um método que enxerga o indivíduo em sua coletividade. Realiza uma observação do grupo internamente, não de seu exterior, analisando sua organização interna, ou seja, as pessoas, as relações que elas estabelecem, os papéis que assumem.

Moreno também faz uma crítica ao positivismo de Comte, cuja atenção, segundo ele, é voltada ao trabalho, como forma de interação entre o homem e a natureza. O positivismo explica a influência do ambiente natural, mas não é suficiente, pois não percebe a influência do social, do econômico e do psicológico na constituição do homem. A proposta de Moreno é perceber o homem dentro das estruturas sociais criadas pelo próprio homem, como a família, a escola, a fábrica.

A corrente ideológica marxista também foi questionada por Moreno, pois ainda que se preocupasse com o coletivo e tenha conseguido mostrar o indivíduo como parte deste coletivo, desconsiderava o fator psicológico. Por fim, cita o autor Galton, criador do conceito de eugenia. Galton propunha a realização de uma seleção artificial, na qual fosse encorajada a permanência dos indivíduos mais notáveis na sociedade e não a dos inaptos, construindo assim uma sociedade melhor.

Moreno (2002b) propõe, como nova possibilidade de visão da humanidade, que ela seja entendida como uma unidade. Como tal, a humanidade seria compreendida como um todo, composto de várias partes. As ações das partes individualmente afetam às outras partes e à humanidade como um todo de diferentes maneiras, positiva ou negativamente. Assim, também, a forma como os indivíduos se relacionam, se atraem, se rejeitam ou demonstram indiferença, os afeta individualmente e ao grupo. Sua proposta é, então, a de analisar as afinidades presentes entre os indivíduos, observando-os em suas interações espontâneas dentro dos grupos.

Para explicar melhor a proposta que está trazendo, Moreno estabelece um paralelo com a teoria da seleção natural, de Darwin. Ele argumenta que, assim como mostra a hipótese biológica, a sociedade também exerce uma seleção, através de leis sociais. Ou seja, quem é melhor adaptado socialmente, "sobrevive". Essa questão só é possível por já se ter admitido de antemão que esta é uma sociedade que não é capaz de incorporar a todos com suas diferenças, portanto, os que mais se aproximam das características desejadas permanecem. Em uma sociedade onde cada indivíduo pudesse participar de acordo com suas próprias especificidades, a discussão a respeito de uma seleção não teria fundamento. Ao apresentar as correntes ideológicas, Moreno cita

Galton, mostrando a possibilidade extrema da idéia da existência de uma seleção social.

O trabalho de Moreno diferencia-se da psicanálise e outros anteriores por usar uma abordagem em grupos. Sua teoria busca superar uma visão de homem centrada apenas nele mesmo para perceber o homem em suas relações, realizando assim o que o autor chama de uma ponte entre as ciências psiquiátricas e as ciências sociais.

“Si observamos la estructura detallada de una colectividad, advertimos la posición concreta que ocupa en ella cada individuo, vemos el núcleo de relaciones que se há constituido alrededor de cada individuo; más rico alrededor de algunos, más pobre alrededor de otros. Este núcleo de relaciones constituye la más pequeña estructura social, es el átomo social.” (MORENO, 1962, p.62)

Moreno denomina esta estrutura de átomo porque estabelece uma relação entre a composição dessa construção social com a idéia do átomo como elemento químico, estrutura da matéria. A conexão entre os conceitos está no fato de que ambas são regidas por padrões de atração, repulsão e neutralidade entre cada um dos componentes. Assim como o átomo é a menor unidade de um elemento químico, o átomo social é a menor unidade do grupo social.

Os átomos sociais se relacionam entre si, formando cadeias mais complexas, redes sociais. É comum, ao pensarmos em sentimentos ou emoções, até mesmo em idéias, considerarmos apenas suas dimensões individuais. Moreno (1962) afirma que existe uma resistência em considerar a possibilidade de estes processos terem origem também na coletividade e não surgirem apenas de indivíduos.

Existe uma rede de sentimentos que envolve as cadeias sociais e age sobre elas, estabelecendo o processo de atração e rejeição que opera sobre as redes sociais e os indivíduos. A esta concepção Moreno (2002a) dá o nome de tele, que representa algo como uma empatia que flui em duplo sentido. Moreno ilustra sua explicação do conceito de tele com uma comparação com o telefone, no sentido de ambos possuírem dois lados, simbolizando uma dupla direção.

Nas palavras do autor, tele é “a menor unidade de sentimento, transmitida de um indivíduo a outro. (...) Tele é a percepção interna e mútua dos indivíduos, é o cimento que mantém os grupos unidos.” (Moreno, 1975, p.128)

Moreno escreve uma conclusão que resume com clareza estes aspectos de sua teoria:

“De este modo, un átomo social está compuesto por um gran numero de estructuras tele; a su vez, los átomos sociales forman parte de configuraciones más vastas – las redes sociométricas – que unen o separan grandes grupos de individuos según las relaciones de su tele. Las mismas redes sociométricas forman parte de una unidad más considerable: la geografía sociométrica de una colectividad. Por fin, la colectividad es parte integral de la configuración más amplia: la totalidad sociométrica de la sociedad humana.” (MORENO, 1962, p.64.)

Para entender essa interação, ele traz um novo conceito, o de papel. O papel é essencial para a compreensão dessa discussão a respeito da sociedade e do indivíduo, pois representa a forma que um indivíduo reage em sociedade, diante de determinadas pessoas e situações. Moreno traz esse conceito, originário do teatro, para mostrar a semelhança entre o desempenho de papéis na arte e na realidade, relação esta explorada pelo autor com suas técnicas de desempenho de papéis no psicodrama e no sociodrama.

Moreno define o papel da seguinte maneira:

“O papel pode ser definido como as formas tangíveis e concretas assumidas pelo eu. Assim, podemos entendê-lo como as formas funcionais que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, em que outras pessoas ou objetos estão envolvidos. A representação simbólica dessa forma de funcionamento, percebida pelo indivíduo e pelos outros, é chamada de papel.” (MORENO, 2002c, p.113.)

Ao explicar as possibilidades de assumir diferentes papéis, Moreno afirma:

“A forma é criada pelas experiências passadas e pelos padrões culturais da sociedade em que o indivíduo vive e pode ser completada pelo caráter específico de sua produtividade. Todo papel é uma fusão de elementos coletivos e privados. Todo papel tem dois lados, um privado e outro coletivo.” (MORENO, 2002c, p.113.)

O papel é, portanto, a interação que ocorre internamente em um indivíduo entre elementos sociais e particulares que influenciam uma resposta em um contexto social. A escolha de papéis não é, portanto, particular. Cada cultura exerce uma espécie de seleção de papéis que são aceitáveis em uma sociedade.

Moreno (2002c) critica os teóricos que afirmam que o papel só existe na dimensão social e é visto como tendo início apenas com o aparecimento da linguagem. Em sua teoria, a construção de papéis está presente desde o nascimento. O papel social é apenas uma das três dimensões que ele propõe para este conceito. Moreno afirma que o ser humano desenvolve papéis psicossomáticos, papéis psicodramáticos e papéis sociais. Eles representam, respectivamente, as funções fisiológicas como dormir e comer, as funções psicológicas individuais e a função que o indivíduo assume em sociedade.

Ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo passa pelo desempenho das diferentes dimensões de papéis mencionados acima, os psicossomáticos, os psicodramáticos e os sociais. No momento do nascimento, não se tem percepção ainda da existência e diferenciação de corpo, mente e ambiente. Através da construção desses papéis ocorre essa distinção. Inicialmente, ao experimentar os papéis psicossomáticos, passa-se a ter consciência do corpo, através dos papéis psicodramáticos, percebe-se a mente e, com o desenvolvimento de papéis sociais, percebe-se o ambiente.

O indivíduo vive de acordo com um papel oficial, que regula seu comportamento, sendo este algo que representa não apenas as escolhas que ele próprio fez em sua vida, mas as imposições da sociedade para ele, em um plano mais amplo e, em um plano mais particular, as expectativas de sua família. Muitas vezes, porém, as pessoas não se satisfazem vivendo de acordo apenas com seu papel dominante, elas têm suas expectativas individuais, anseiam por ser algo mais. A existência desses papéis latentes, que podem vir a se desenvolver ou não em cada indivíduo, pode entrar em conflito com o papel oficial, gerando nele ansiedade.

Moreno faz um resumo bastante claro do conceito de papel:

“O conceito subjacente a esta abordagem é o reconhecimento de que o homem é um jogador de papéis, que todo indivíduo caracteriza-se por determinada série de papéis que domina seu comportamento e que cada cultura caracteriza-se por determinado conjunto de papéis que ela impõe a seus membros, com variados graus de sucesso.”
(MORENO, 2002c, p.117.)

Moreno rediscute também o conceito de nascimento, atribuindo-lhe um novo significado. A partir desse momento, o bebê é inserido em um mundo que

preexiste a ele, com sistemas, valores, símbolos e uma cultura com os quais ele passa a interagir e, a partir dessa interação, construir papéis. De acordo com ele, o nascimento é um fator importante na construção da identidade. O momento do nascimento tem um papel essencial em sua teoria, pois sair do útero da mãe representa uma necessidade para o feto, que já não encontra mais espaço adequado para continuar seu desenvolvimento. Isso não é algo que ocorre passivamente, mas é uma ação do feto e da mãe, o que Bermudez (1980) chama de “ato compartilhado”.

Esses conceitos que foram apresentados trazem idéias inovadoras para o campo da psicologia. No entanto, as idéias que Moreno apresenta em sua obra que são fundamentais para a compreensão da sociometria são a criatividade e a espontaneidade. Esses dois conceitos, segundo o autor, não são semelhantes, mas interagem entre si e dependem um do outro, por isso não é possível pensar a criatividade sem discutir também a espontaneidade.

Espontaneidade e criatividade são características humanas, encontradas em diferentes quantidades em diferentes pessoas. Os indivíduos podem possuir um alto grau de espontaneidade, mas pouca capacidade criadora, ou o contrário, um indivíduo pode ser muito criativo, mas pouco espontâneo.

Segundo Moreno, “La espontaneidad puede despertarse em el individuo dotado de um poder creador e incitarlo a la acción.” (MORENO, 1962, p.55.) Ou seja, a criatividade é a capacidade de criar algo inovador, de ter idéias novas. Isso não é, entretanto, suficiente. É necessário que haja algo no ser humano que faça passar do plano da idéia para a ação. O sujeito que só possui o dom de criar, independente de quão inovadora ou valiosa sua obra, corre o risco de fracassar se não for capaz de transmiti-la aos outros. É fundamental, para isso, a existência do impulso para agir, da espontaneidade. A esse respeito, o autor conclui: “Sin la espontaneidad, la creatividad queda sin vida.” (MORENO, 1962, p.59.)

A explicação das funções da criatividade e da espontaneidade nas ações humanas é a seguinte: a criatividade é comparada à substância, à essência, enquanto a espontaneidade exerce um papel de catalisador, ou de condutor da reação. Nas palavras do autor, “A espontaneidade é uma prontidão do sujeito para responder, de acordo com o que for necessário.” (MORENO, 2002d, p.85)

não está preparado para lidar com o diferente. A crença de que o correto é estabelecer uma ordem em sala, de crianças sentadas e em silêncio, muitas vezes é o que leva pais e professores a, ainda que indiretamente, levarem as crianças a reprimir suas reações espontâneas. Marineau afirma que:

“... a resposta do indivíduo é baseada no que se requer agora e não no que aprendeu no passado e aplicou quase que cegamente o tempo todo em cada situação. Moreno atrela a capacidade da pessoa ser criativa à capacidade de manter ou adquirir um estado de espontaneidade. Crianças ‘não estragadas’ por convenções, conservas culturais ou estereótipos são para Moreno modelos de espontaneidade.” (MARINEAU, 1992 apud SARAVALLI, 2003, p.17).

Os papéis que o indivíduo assume podem exercer uma espécie de controle à sua espontaneidade. O psicodrama, como instrumento para observar indivíduos em situações de desempenho de papéis, pode ser interessante no sentido de recuperar a espontaneidade. Através de improvisações, ele pode notar como reage e buscar agir de maneira diferente. É uma possibilidade de transformação de comportamentos e das relações interpessoais dos indivíduos.

O psicodrama é um método de atuação da sociometria. A ação no psicodrama se dá através do uso de métodos dramáticos com enfoque psicoterapêutico. Os indivíduos trazem situações de representação de papéis do cotidiano da vida real para um momento experimental.

Existem alguns instrumentos específicos usados para a prática do psicodrama. Para a ação psicodramática acontecer é necessária a participação de um número de pessoas com funções específicas e de um ambiente cuidadosamente preparado. As pessoas que participam do desenrolar da cena ocupam as seguintes posições, que se assemelham muito aos sujeitos que realizam uma peça teatral: o protagonista da cena, o personagem principal, que é o sujeito da ação, o paciente; o diretor; os egos-auxiliares e o auditório.

O sujeito que protagoniza a cena difere essencialmente do ator de teatro. Uma vez que ao ator é oferecido um papel que, para que ele o incorpore e vivencie, é exigido dele que suprima seu eu. No psicodrama, ao contrário, é fundamental que o paciente mantenha sua ação centrada em si mesmo, em sua individualidade, com a diferença de buscar apresentá-la com mais espontaneidade, livrando-se das amarras que lhe foram impostas. O diretor tem diferentes funções, além da de dirigir a cena representada. Ele é também

terapeuta e analista, podendo ainda contracenar com o paciente. Os ego-auxiliares representam os personagens que contracenam com o protagonista, na medida em que ele os incorpora em sua narrativa. O auditório, ou as pessoas que fazem parte da platéia, através de suas manifestações, contribuem como opinião pública. Elas reagem de acordo com o decorrer da sessão.

O ambiente é constituído principalmente pelo palco e pelo cenário. O palco representa o espaço onde a ação acontece, um espaço que permite misturar o que é real e o que é fictício com as interpretações. O cenário é a totalidade de objetos que compõem a cena. Este meio deve ser preparado de maneira que permita ao sujeito sentir-se à vontade para expressar seus sentimentos livremente, trazendo à tona tudo o que esconde dentro de si mesmo, seus medos, angústias, ansiedade. Este contexto não tem as restrições que o indivíduo encontra em sua vida real, pois ali lhe é permitido misturar a realidade e a fantasia, não há as imposições e repressões presentes no cotidiano.

Para que este contexto seja propício para a realização do processo terapêutico, existem algumas exigências a serem seguidas. Primeiramente, ainda que se trate de uma cena teatral, não existe um texto pré determinado para os atores, a situação deve ocorrer através da improvisação. Neste "teatro", não existem meros espectadores, todos são atores, todos se envolvem pessoalmente com a encenação.

A relação que ocorre entre sujeito e diretor em cena é tão forte que Moreno a compara ao confronto violento entre dois lutadores. O diretor participa do início da cena, buscando desarmar as resistências do paciente e provocá-lo para agir e, depois, retira-se da cena. O sujeito tem uma sensação de controle. Faz parte da situação proposta que o sujeito se relacione com os outros indivíduos, os ego-auxiliares que desempenham papéis que emergem de seu mundo individual, e esqueça momentaneamente o diretor.

O sujeito pode ele mesmo vivenciar outros papéis, colocando-se no lugar de seu pai, sua esposa, seu patrão, filhos e experimentar o outro lado dessas relações que ele vive em sua realidade. O fato de o sujeito conseguir relacionar-se com estes indivíduos que são parte de sua vida real com espontaneidade e vivenciar o papel deles lhe traz imensa satisfação. Estas pessoas perdem o poder

intimidador que exerciam sobre ele. O sujeito volta a assumir o controle de sua vida, assim como assumiu o controle da cena.

A representação tem outro momento importante, que depende da participação das pessoas da platéia. Com o decorrer da cena, estas pessoas estabelecem uma relação com o sujeito e podem acabar se identificando com a situação vivida. Neste momento, eles podem se expressar, compartilhando sua história com o grupo. Este é um espaço que permite que estes indivíduos que estão no auditório vivam a experiência de ser pacientes, invertendo momentaneamente a situação.

O sociodrama é, também, um método de investigação proposto por Moreno. Neste método, diferentemente do psicodrama, acima descrito, o objeto é a relação que se estabelece entre grupos. O psicodrama utiliza-se do grupo no trabalho terapêutico, mas seu objetivo é afetar cada pessoa do grupo individualmente. No sociodrama, o próprio grupo, ou alguém que represente o grupo, é o sujeito da ação, o protagonista da cena.

O sociodrama busca evocar problemas sociais, realizando um processo terapêutico que objetiva tratar o grupo. Cada grupo assume uma determinada série de papéis, que o seu meio cultural impõe. Estes papéis devem ser representados durante a ação sociodramática.

1.3 Fundamentos da Sociometria

A sociometria é um trabalho que objetiva compreender a estrutura básica da sociedade através de análise e mensuração de relações interpessoais. Ao definir os fundamentos da sociometria, o autor afirma:

“La sociometria tiene por objeto el estudio matemático de las propiedades psicológicas de las poblaciones; a este efecto pone en acción una técnica experimental fundada sobre métodos cuantitativos y expone los resultados obtenidos mediante su aplicación. De esta manera desarrolla una investigación metódica acerca de la evolución y organización de los grupos y sobre la posición de los individuos em los grupos.” (MORENO, 1962, p.61)

Moreno percebeu falhas nos métodos padrões de analisar as relações humanas, que ocorriam geralmente através de estudos apenas com indivíduos

isolados ou com toda a sociedade. Por isso, propõe, em contrapartida, um trabalho que é realizado em grupos pequenos. Segundo ele, o indivíduo traz na sua essência o pertencimento ao grupo, por isso, estuda-o como parte de um grupo. A teoria de Moreno não desconsidera o indivíduo, ao contrário, ela percebe a importância das funções psicológicas individuais. A compreensão das escolhas individuais dentro de um grupo pode trazer respostas não apenas com relação ao comportamento do grupo, mas também dos indivíduos, podendo influenciar o trabalho acerca de questões psicológicas. Dentro desse grupo, analisa como se dão as relações interpessoais, como são feitas as escolhas e rejeições de cada um e as diferentes posições ocupadas por cada indivíduo, fruto das escolhas e rejeições dos outros.

A respeito do objetivo da sociometria, Saravalli (2003) afirma: “Moreno criou a Sociometria objetivando relacionar as formas de afinidade, indiferença, rejeições, com fatores psicológicos, sociais, biológicos observáveis.” (SARAVALLI, 2003, p.25.)

O trabalho com a sociometria não vinha, no entanto, no sentido apenas de compreender e mensurar as relações, mas também da possibilidade de transformá-las. Moreno percebeu que o convívio social traz bem estar e, quando encontrava pessoas isoladas em um contexto social, ela geralmente estava em sofrimento. Percebeu, portanto, como o ambiente de relações influencia o estado psicológico individual e como não é possível entender um indivíduo plenamente sem percebê-lo no grupo. Seu trabalho buscou então maneiras de melhorar a situação dos membros isolados, o que segundo o autor pode se dar, inclusive, através do uso do psicodrama ou do sociodrama na resolução de conflitos.

Moreno (2002c) afirmava que o ideal da vivência em grupos é que o homem escolha aproximar-se de pessoas que o aceitam e afastar-se dos que o rejeitam. É um comportamento destrutivo viver por opção cercado de pessoas que não o aceitam como parte do grupo. Pode acontecer, no entanto, de uma pessoa viver buscando provar que é capaz de se enquadrar em determinado grupo, transformando-se em alguém que não é. O ideal é estar em um grupo que o aceite, no qual o indivíduo se encaixe, se sinta verdadeiramente parte. O isolamento dentro dos grupos é, no geral, resultado de casos de rejeição. Isso pode gerar no indivíduo uma sensação de fracasso e de insegurança. Nessas

situações, a recomendação é que este sujeito procure um novo grupo que se adapte melhor às suas especificidades.

Existem autores que defendem que o pesquisador volte ao ambiente do grupo pesquisado para mostrar os resultados obtidos e trabalhar a reorganização do grupo. Isso deve ser feito com sensibilidade, pois o resultado permitirá a cada membro de um grupo perceber como é visto pelos colegas, o que pode significar rechaço ou exclusão. Esta resposta negativa pode ser inesperada para o indivíduo, ou ainda, algo que ele tem dificuldade de encarar e que será difícil de lidar, quando exposto com tanta clareza. Por isso, o trabalho posterior, de reestruturação do grupo, é fundamental.

A sociometria é capaz de se adaptar a diversos ambientes e contextos sociais. Para isso, dispõe de diferentes instrumentos de coleta de dados. Uma das versões do método sociométrico consiste na observação e registro das ações de indivíduos em um determinado grupo. Esse processo é utilizado principalmente na realização de trabalhos com grupos de bebês. O pesquisador observa os movimentos dos bebês, como eles interagem entre si e com os objetos do ambiente e, quando eles começam a andar, como eles se afastam e se aproximam de outros bebês, dos adultos, de objetos. Outra possibilidade da sociometria, também adaptada a uma determinada faixa etária, é a utilização da linguagem verbal para a compreensão das relações em um grupo. A partir do momento em que a criança é capaz de se comunicar através da linguagem oral, não é mais necessário uma demonstração física de suas preferências, ela já pode verbalizá-las. Em um terceiro momento, tendo como sujeito a criança que já tem noção de diferenças de gênero, classe social, cor, a relação torna-se mais complexa. Neste momento, tem início algo que Moreno denomina “critério de grupo”, que ele explica da seguinte maneira: “Até este ponto, somente indivíduos destacavam-se e tinham uma posição nele, daqui em diante, são as associações de indivíduos que se destacam e têm uma posição como grupos.” (MORENO, 2002a, p. 58.)

1.4 O Teste Sociométrico

Considerando que a sociedade é um elemento com características específicas, que funciona de acordo com leis próprias, é necessário pensar uma maneira apropriada para quantificar e descrever as relações sociais.

Uma das técnicas propostas por Moreno (1962) para realizar uma pesquisa de cunho sociométrico é o teste sociométrico. Este teste pode ser utilizado com o intuito de observar como se dão as relações interpessoais dentro de grupos variados, como a família, o ambiente de trabalho e a escola.

A respeito do teste sociométrico, Lopes, Magalhães e Mauro trazem as seguintes citações em seu artigo:

"Segundo Moreno (1954), através da sociometria é possível fazer análises sobre a estrutura do grupo, avaliando sua organização e o status de cada pessoa dentro dele. Bustos (1979) afirma que 'o teste sociométrico é um método de investigação que tem como objetivo facilitar a compreensão das redes de vínculos que configuram a estrutura dos grupos humanos'" (LOPES, MAGALHÃES E MAURO, 2003, p. 31.)

Para estudar um determinado grupo, há uma enorme quantidade de fatores a serem considerados para que se faça uma correta análise dos fatos observados. Primeiramente, é necessário ter conhecimento de todos os indivíduos pertencentes ao grupo e de outros grupos com os quais ele se relacione. Existem elementos que podem ser determinantes na configuração do grupo, ou influenciá-la de alguma maneira. São exemplos a idade dos componentes do grupo, o fato de as pessoas haverem se agrupado por imposição ou espontaneamente, as funções exercidas pelas pessoas dentro do grupo.

O Teste Sociométrico é o principal instrumento de trabalho da sociometria, auxiliando na busca por compreender a organização dos grupos e a posição de cada indivíduo dentro dele. O objetivo do teste é quantificar a rede de grupos sociais. Pede-se aos membros de um determinado grupo que elejam quem gostaria de ter como companheiro e com quem não gostaria de relacionar-se. Bustos define o objetivo do teste como sendo: "facilitar a compreensão das redes

de vínculos que configuram a estrutura dos grupos humanos" (BUSTOS, 1979 apud LOPES, MAGALHÃES E MAURO, 2003, p. 31).

Matias (2006) cita as palavras do próprio Moreno a respeito do teste: "é um meio de medir a organização dos grupos sociais [...] é um método de pesquisa de estruturas sociais através da medida das atrações e rejeições que existem entre os membros de um grupo" (MORENO, 1999 apud MATIAS, 2006, p.299)

Existem duas vertentes do teste sociométrico. A primeira é o Teste Objetivo, no qual é solicitado dos indivíduos participantes que elejam as pessoas com quem gostariam de se relacionar e pessoas de quem gostariam de se afastar. A segunda vertente do teste sociométrico é o Teste Perceptivo ou Perceptual, em cuja aplicação pede-se aos indivíduos que realizem a mesma escolha, com a diferença de que terão que justificá-la, buscando explicar para o investigador os porquês de suas escolhas.

Os resultados do teste sociométrico são apresentados no sociograma, uma espécie de gráfico que permite visualizar de maneira clara as posições ocupadas por cada integrante de um grupo, algo que, sem essa sistematização, dificilmente seria diagnosticado. Um trabalho de observação de um grupo, simplesmente, não conseguiria alcançar a complexidade que as relações em um grupo podem ter. No sociograma, aparecem as escolhas e rejeições de cada um, assim como os que o escolheram e o rejeitaram. Mostra, então, ao redor de cada indivíduo, aquelas pessoas que participam mais significativamente de suas relações, formando uma espécie de núcleo. O sociograma atende às especificidades de um estudo sociométrico. Apenas uma leitura dos fatos, dispostos em um gráfico comum, seria insuficiente para compreender as diferentes configurações que as estruturas sociais podem assumir. O sociograma permite uma representação espacial, possibilitando, assim, ao investigador e possíveis leitores, verdadeiramente entender as relações estabelecidas neste grupo, tornando-as visíveis.

Moreno (1962) propõe uma nomenclatura para tratar da formação de grupos verificados pelos resultados do teste sociométrico: "isolados", ou os indivíduos que não são eleitos por ninguém; "pares", "triângulos" ou "cadeias", para pessoas que se elegem reciprocamente em grupos de dois, três ou mais; e "estrelas", para aqueles que centralizam grande parte das eleições, assumindo um papel de liderança no grupo.

O pesquisador que pretende trabalhar com o teste sociométrico pode encontrar algumas dificuldades na sua execução. Muitas vezes, ao entrar em contato com os sujeitos de sua pesquisa, lidará com pessoas que não têm conhecimento da sociometria, não compreendem o porquê da realização deste trabalho e, portanto, opõem alguma resistência. A ação pode ser considerada por eles invasiva, pela forma como possibilita revelar a realidade em que vivem, por isso muitos talvez se mostrem cautelosos ao tratar de sua intimidade. Considerando esses possíveis casos e também como forma de mostrar respeito pela privacidade dos indivíduos, é essencial que o pesquisador tenha o cuidado de conversar com todos antes da aplicação do teste, explicar como ele é realizado, quais seus objetivos e, principalmente, as vantagens que pode trazer para a vida do grupo.

Ainda, como método para realizar a coleta de dados, Moreno sugere que a observação dos sujeitos seja feita de maneira diferenciada. É fundamental que se observe os indivíduos sujeitos da pesquisa em situações nas quais ajam espontaneamente. Em um trabalho com crianças em uma escola, por exemplo, não é suficiente acompanhá-las dentro da sala de aula, mas também nos momentos livres, como o recreio, onde se pode notar como elas agem espontaneamente, como se relacionam. Deve-se examinar, nestes contextos, se há padrões estabelecidos na interação, como duplas ou trios de crianças que estão sempre juntas, alguém que está constantemente isolado, um ou alguns deles que têm comportamento de liderança, etc.

Moreno (1962) chama atenção para a importância da escolha da pessoa que realizará a pesquisa com base na sociometria, o “sociômetra”. Ele observa que o investigador deve estar preparado para lidar com as situações acima descritas, o que exige que ele tenha conhecimento prévio da teoria com a qual se disponibilizou a trabalhar.

Uma maneira de diminuir a distância existente entre o investigador e os sujeitos que ele pretende analisar seria ter o pesquisador dentro do grupo, fazendo parte dele. Este observador participante estaria desempenhando então uma função de ego-auxiliar. Este caminho pode, no entanto, ser arriscado, no sentido em que a partir de um dado momento, sentindo-se realmente parte do grupo, o pesquisador não seja mais capaz de estabelecer a distância necessária

para a observação, pois se identifica com os sujeitos que pretendia estudar. Isso pode influenciar negativamente o estudo realizado.

O investigador deve esforçar-se por abandonar os seus preconceitos para analisar o objeto escolhido. Isso não significa, no entanto, que o pesquisador assume um papel neutro perante a realidade que investiga. Ele, como indivíduo, será sempre influenciado, ainda que inconscientemente, por questões particulares. O problema analisado irá afetá-lo individualmente, por isso esta avaliação não se trata apenas de uma questão científica, mas de um diálogo entre um conjunto de conhecimentos e a experiência anterior do pesquisador. As escolhas iniciais que o investigador teve de fazer, como a abordagem, a metodologia utilizada e mesmo a decisão por um determinado problema não foram neutras, mas permeadas pela individualidade do investigador, como sujeito.

1.5 Aplicações práticas da sociometria

É muito discutida na psicologia a questão do indivíduo. Inúmeros autores estudaram como acontece o desenvolvimento individual. O trabalho proposto por Moreno (2002c) é o de compreender como se dá o desenvolvimento da sociedade, se ela muda aleatoriamente ou se segue algum tipo de lei de desenvolvimento. Esta discussão encontra suas respostas principalmente em autores da sociologia, enquanto a inovação de Moreno é trazer um enfoque que pretende estabelecer uma ponte entre a psicologia e a sociologia.

Buscando estas respostas, Moreno (1962) começa uma série de estudos com diferentes grupos sociais. O primeiro envolve um grupo de bebês. Este estudo foi realizado da seguinte maneira: nove bebês foram colocados em uma mesma casa desde o dia de seu nascimento e observados durante dezoito meses. Este ambiente artificial foi criado para possibilitar um exame de como os bebês se organizam em um grupo e como isso se transforma ao longo do tempo, visto que, em seu contexto normal, bebês não se juntam em grupos espontaneamente.

Os bebês foram separados por idade. Os recém nascidos ficavam em um quarto e eram observados até a idade de três anos. As categorias analisadas nesse estudo pelos investigadores foram as trocas de olhares entre os bebês, os

gritos e expressões vocais, sorrisos, toques e, em cada uma dessas ações, se havia reciprocidade, se para uma ação havia resposta do outro bebê.

Os resultados obtidos mostraram que o desenvolvimento das relações entre bebês acontece seguindo algumas etapas que se transformam com o crescimento individual deles e se complexifica ao longo do tempo. Inicialmente, os bebês ficam isolados, não demonstram qualquer indício de troca uns com os outros. A partir da vigésima semana, os bebês começam a interagir de acordo com a proximidade, ou seja, eles se relacionam com seus vizinhos, pois ainda não são capazes de se movimentar, o que faz da distância física um obstáculo. Entre a 40ª e a 42ª semana, eles se movimentam, o que facilita a interação e possibilita escolhas, eles podem se afastar e se aproximar de determinados bebês. Observou também que alguns bebês, em geral, atraem mais atenção para si do que os outros e já se pode notar a presença de bebês que se destacam mais do que outros.

Outro estudo realizado neste sentido por Moreno (1962) foi com crianças em uma escola primária. Este estudo teve forte repercussão na época e influenciou e vem influenciando trabalhos na área da educação. Ele é muito conhecido e serve ainda hoje como parâmetro para pesquisas que utilizam a sociometria como instrumento para compreender as relações interpessoais com crianças em sala de aula. Seu uso, através do teste sociométrico, principalmente, auxilia na verificação da posição que cada criança ocupa neste grupo específico, de alunos.

Moreno apresenta este teste sociométrico aplicado em uma escola primária nos EUA, com turmas de todas as séries, do jardim da infância até a oitava série, o que corresponde à idade de 15 anos. O teste consistia em perguntar para a criança quem ela queria que estivesse na mesma sala que ela e quem gostaria que estivesse sentado ao seu lado.

Através das respostas dos alunos, foi realizada inicialmente uma análise quantitativa com relação a alguns fatores como atração entre crianças do mesmo sexo, meninos e meninas isoladas, alunos que se elegeram reciprocamente formando pares ou grupos mais complexos.

Ao analisar a atração entre crianças de sexos diferentes, notou-se que isso aparecia com a porcentagem mais alta no jardim de infância e na primeira série, decaía nas próximas séries e crescia um pouco na oitava série.

Moreno observou também que a porcentagem de crianças isoladas atinge seu ponto máximo na primeira série e tende a diminuir. A quantidade de pares é mais baixa no jardim da infância e mais alta na sexta série, alterando-se relativamente entre as séries. Enquanto as formações mais complexas, trios ou cadeias, são inexistentes no jardim de infância e primeira série, apenas a partir da segunda série essas formações começam a aparecer com mais freqüência.

Em complemento ao teste, também foi solicitado aos professores de cada série que participassem do teste, respondendo quais crianças de sua sala receberiam o maior número de votos e quais as que eles consideravam que teriam o menor número de escolhas. As respostas dos professores foram posteriormente comparadas com as dos alunos. A escolha dos professores coincidiu com as das crianças em 48% para os mais eleitos e em 38% para os menos eleitos. É importante acrescentar que os professores tiveram maior porcentagem de acertos para as posições extremas, ou seja, eles acertaram mais o aluno mais eleito do que os que ficaram em segundo ou terceiro lugar em número de eleições.

Este teste permitiu verificar como acontecem as relações sociais na sala de aula. Com o intuito de compreender estas relações de maneira mais profunda, investigando-a qualitativamente, Moreno utilizou um teste sociométrico perceptivo, ou seja, depois de realizado o teste, pediu que as crianças justificassem suas escolhas. Este estudo é denominado Estudo Sociométrico das Motivações.

Diferentemente da investigação puramente quantitativa, cuja finalidade é a de traduzir os dados obtidos em números, esta investigação das motivações traz também um enfoque qualitativo, pois tem a preocupação de descrever minuciosamente esses dados, buscando iluminar cada detalhe, cada possibilidade de compreender um dado ambiente. Ainda, não tem o seu foco apenas nos resultados, mas interessa-se por todo o processo.

Prados (1999) mostra a importância atribuída ao trabalho com o teste sociométrico em sala de aula, como mostra a referência de seu pensamento feita por Lopes, Magalhães e Mauro:

"Sendo aplicado em sala de aula, o teste sociométrico serve para identificar principalmente crianças com problemas de adaptação social (lideranças, isolamentos, sub-grupos), possibilitando adotar estratégias pedagógicas que permitam integrá-las ao grupo, o que facilita também o seu desenvolvimento pessoal" (LOPES, MAGALHÃES, MAURO, 2003, p.31.)

Analisando as respostas encontradas a partir do teste realizado com as crianças, Moreno propõe uma divisão da evolução dos grupos sociais em estágios, de acordo com a faixa etária.

As fases que ele propõe são as seguintes:

De 7 a 9 anos – anterior à socialização;

7/9 a 13/14 anos – primeira socialização;

13/14 em diante – segunda socialização.

No primeiro estágio, as relações entre as crianças são muito inconstantes. Suas respostas mostram grande número de indivíduos isolados. Poucas vezes aparecem eleições recíprocas e grupos complexos, como trios ou cadeias. A observação dessas interações mostra que, na sala de aula e em momentos de relação espontânea, os integrantes dos grupos de crianças mudam constantemente.

No próximo estágio nota-se relativo aumento da complexidade em relação ao anterior. Nesta fase as crianças são menos dependentes dos adultos para a formação de grupos. Percebe-se, ainda, uma propensão maior, na faixa dos 8 aos 13 anos, de formação de grupos do mesmo sexo.

Na idade dos 13/14 anos, voltam a aparecer grupos mistos de meninos e meninas. O número de trios e cadeias é progressivamente maior.

A partir da quinta série, Moreno nota o surgimento de um novo fenômeno nas motivações que regem as eleições das crianças. Cada vez mais, as crianças realizam escolhas e rejeições por raças, o que o autor denomina "separação racial". Crianças da mesma nacionalidade, como, nos casos encontrados por Moreno, italianos, israelitas ou alemães, se escolhem mutuamente e rejeitam os outros, formando grupos seletos.

Essa diferenciação pode ser devida a diversos fatores, semelhantes aos que favorecem a diferenciação por sexo, como a necessidade de agrupar-se com

um semelhante por medo ou insegurança perante o desconhecido. Os estudos mostram que com o tempo essa separação diminui.

Moreno partiu dessas observações para explicitar o que ele chama de “Lei Sociogenética”. Esta lei influencia o desenvolvimento das relações sociais que, como visto nos estudos com crianças e adolescentes, parece acontecer a partir das formas mais simples, alcançando com o tempo maior complexidade. O desenvolvimento biogenético não é inutilizado, apenas apresenta-se este conjunto de regras como complementação.

Moreno afirma que o desenvolvimento humano assemelha-se ao desenvolvimento da espécie, o que significa que, se observarmos as sociedades infantis, elas têm muito em comum com as sociedades primitivas. Isso é visível no fato de que, ao serem questionadas sobre com quem gostariam de viver, de trabalhar, brincar, as crianças tendiam a escolher as mesmas companhias. Isso se mostra com mais frequência quanto mais novas as crianças. Nas sociedades primitivas isso também aparece em suas associações.

Moreno fez uso de estudos sociométricos também em outras escolas, além de grupos diferenciados, como o exército e grupos de prisioneiros.

É evidente como o contexto escolar é um ambiente rico para o desenvolvimento de estudos acerca do desenvolvimento individual e social de crianças. Este estudo pretende, nos próximos capítulos, mostrar a realização de um trabalho similar ao que Moreno se propôs a fazer na escola primária dos EUA.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

A sociometria tem fundamentado pesquisas em diversas áreas e tem sido utilizada como forma de compreender as relações sociais. Nesses estudos, o teste sociométrico, instrumento apresentado pela sociometria, tem sido usado para mensurar tais relações. O teste sociométrico tem sido utilizado em contextos bem diferenciados. Bastin (1966), como apontado por Saravalli (2003), é um autor contemporâneo de Moreno, fez uso da sociometria em pesquisas com o exército e em grupos de indústria. Na literatura brasileira o teste sociométrico também aparece como método para a coleta de informações sobre diferentes grupos sociais.

Carvalho (1987) recorreu ao sociograma para analisar a estrutura familiar de famílias com membros alcoólatras e como esta estrutura se diferenciava da de famílias que não enfrentam este problema. Sliwiany (1997) apresenta as técnicas sociométricas como possibilidade de quantificar a qualidade de vida e os problemas sociais em Curitiba, propondo que sejam realizadas mudanças a partir dos dados encontrados. Souza (2003) realizou uma pesquisa em organizações industriais, analisando as relações sociais e como estas relações eram transformadas com a entrada de novas empresas nesta rede de indústrias. Gregolin (2004) se propôs a estudar as famílias agricultoras residentes em um assentamento, analisando as ações coletivas e as relações complexas que existiam entre sujeitos dentro do assentamento e suas relações com pessoas de fora, buscando assim compreender a construção social do mercado do leite. Gatti (2005) realizou um estudo com adolescentes reclusos em um centro de atendimento juvenil acerca de suas relações sociais e das representações que eles haviam construído a respeito de suas relações dentro e fora da instituição. Silva (2005) fez uso do teste para compreender como funciona a coesão do grupo de catadores unidos em uma cooperativa em Juiz de Fora, MG e como isso influencia suas crenças sobre o trabalho. Goulart (2006) usa o teste sociométrico em um grupo comunitário para visualizar a formação de liderança, as relações dentro da comunidade e as expectativas que os sujeitos têm em relação a seus pares e seus líderes.

Pode-se perceber, assim, a abrangência do uso da sociometria e de seus instrumentos e sua importância no estudo das relações sociais nos mais diversos contextos. Este trabalho, em particular, tem o interesse de estudar o uso da sociometria para compreender as relações entre crianças, mais especificamente, como realizam suas escolhas e rejeições nas relações de estudar e brincar no contexto escolar.

Em sua época, Moreno influenciou muitos autores que desenvolveram estudos nessa área, como mostra Saravalli (2003): "A pesquisa sociométrica nas escolas teve grande repercussão e muitos outros trabalhos foram realizados como os de Northway e Weld (1987), Bastin (1966) e Alves (1964)." (Saravalli, 2003, p.32)

A literatura brasileira também apresenta pesquisas realizadas tendo o teste sociométrico como principal instrumento de avaliação das relações presentes no contexto escolar. Para fins deste estudo, serão discutidos os trabalhos mais recentes e que tiveram como foco de interesse as relações interpessoais em crianças.

Gonçalves (1999) propôs um trabalho de investigação da relação criança-criança em sala de aula e realizou um debate em seu artigo sobre as possibilidades metodológicas para compreender como esta relação ocorre. O estudo foi realizado com 11 meninos e 12 meninas com idade entre 4 e 7 anos de uma turma de educação infantil da cidade de Belém (PA). A autora observou as crianças em diferentes contextos durante um período de três meses e realizou um sociograma onde mostrava, para cada criança, os colegas de quem recebeu interação e para quem emitiu interação e se houve ou não reciprocidade. A partir daí, analisou a organização social estabelecida nessa sala de aula.

As autoras Morais, Otta e Scala (2001) estudaram as escolhas sociométricas de crianças de pré-escola. As características estudadas foram aceitação e isolamento, participação e não-participação, dependência e independência da professora e dominância e submissão. Além disso, o trabalho buscava mostrar também a dimensão afetiva, em aspectos como tristeza e alegria. Os participantes dessa pesquisa foram 31 crianças de uma classe de pré escola de uma escola municipal de São Paulo. Foi utilizado um instrumento específico para a faixa etária, com ilustrações, buscando manter a atenção das

crianças. O instrumento se mostrou eficiente na realização desta pesquisa, permitindo que as crianças analisassem positiva e negativamente as relações com os colegas e realizassem correlações com os atributos comportamentais apresentados, como ter muitos amigos ou brigar. Notou-se, assim, que as crianças mais escolhidas foram as que apresentam mais características comportamentais positivas, como alegria e participação. As mais rejeitadas foram as associadas às características negativas, como agressividade e isolamento. As autoras perceberam uma diferença nos critérios de escolha das meninas, que escolhem mais freqüentemente quem apresenta alegria, enquanto os meninos escolhem baseados principalmente em aceitação social.

Lopes, Magalhães e Mauro (2003) fizeram uma análise das relações sociais de dezessete crianças pré-escolares de uma escola privada em Belém – PA. Essas autoras utilizaram o teste sociométrico em seu estudo, mas sentiram também necessidade de diversificar o método, devido à idade das crianças. Como forma de lidar com a especificidade dessas crianças, o teste sociométrico foi aplicado com o uso de fotografias, dentre as quais as crianças deveriam apontar as suas escolhidas. Com os resultados, foi possível analisar a estrutura social da turma. Notou-se, por exemplo, uma forte tendência para a separação por sexo. Os testes sociométricos foram realizados em três etapas. Os autores perceberam pouca consistência entre as respostas das três etapas, as escolhas, inclusive de melhor amigo, mudaram com freqüência. A hipótese que os autores colocam para compreender essa questão é a de que, nessa faixa etária, o conceito que se tem de amigo depende muito do momento, da situação imediata que ela está vivendo. As amizades dependem da atividade momentânea, o que explica a inconstância nas respostas.

Saravalli (2003) realizou testes sociométricos com alunos de quarta série da rede pública estadual do município de Cosmópolis. Seu objetivo era utilizar os resultados para analisar a posição sociométrica de alunos indicados pela professora como crianças com dificuldade de aprendizagem, observando como elas escolhem e são escolhidas em sala de aula. Os testes realizados mostraram que estes alunos apresentam baixa ou nenhuma escolha por parte dos colegas. A autora suscita ainda a questão de que o mau rendimento do aluno e a necessidade de superá-lo muitas vezes ocupa um lugar central no relacionamento

entre a criança e o professor e mesmo entre a criança e a família, ocultando o problema social.

Conceição e Sudbrack (2004) fizeram uso do teste sociométrico para investigar as relações grupais em uma instituição que atende adolescentes em situação de rua. O objetivo era entender quais aspectos do trabalho desta instituição específica eram os fatores responsáveis pelo sucesso no desenvolvimento de seu projeto, para proporcionar um parâmetro para outras propostas pedagógicas. Participaram desta pesquisa a equipe de trabalho da instituição e 20 crianças e adolescentes atendidos por ela. Através dos resultados obtidos, pode-se perceber que os adolescentes escolhem como centro de suas respostas positivas os responsáveis pela instituição e que aceitam a relação de autoridade estabelecida, uma percepção próxima a de uma família, resultado este que os autores consideram fundamental para a compreensão das peculiaridades desta organização e dos relacionamentos que aí se desenrolam.

Sisto (2005) realizou um estudo com o objetivo de compreender a agressividade na escola, através da verificação das posições dos alunos diante das escolhas e rejeições dos colegas. Para isso, observou 1281 alunos de quatro escolas de ensino fundamental, em turmas de segunda, terceira e quarta série. Seus resultados mostraram que é possível relacionar a agressividade com aceitação e rejeição social. Os sujeitos que apresentaram maior agressividade, no geral, apresentaram menores índices de aceitação.

Pelissari (2006) utilizou o teste sociométrico para avaliar as relações interpessoais de 543 crianças de turmas de segunda e terceira séries de ensino fundamental de 4 escolas públicas de Campinas. A autora verificou a possibilidade de estabelecer uma relação entre dificuldades de aprendizagem em escrita, autoconceito e aceitação e rejeição social. Os resultados obtidos através dos testes realizados mostraram que apenas o autoconceito escolar aparece como uma variável significativa com relação ao aprendizado de leitura e escrita nas duas séries. O estudo mostrou que as escolhas das crianças por companheiros para brincar não são afetadas por facilidade ou dificuldade do outro em aprender a ler e escrever.

Matias (2006) realizou uma pesquisa com duas meninas vítimas de abuso sexual, uma de 7 e outra de 14 anos, a primeira abusada pelo pai, a segunda pelo

padrasto. Utilizou o teste sociométrico para analisar a estrutura social na qual as meninas que participaram do estudo estavam inseridas e os vínculos estabelecidos dentro das famílias, com o objetivo de propor possíveis intervenções para sua recuperação. Os resultados dos testes aplicados mostraram algumas semelhanças nas duas famílias. As duas garotas vítimas de abuso receberam escolhas positivas de todos os membros do grupo, mas ao serem questionadas sobre a percepção que tinham sobre as escolhas dos outros em relação à elas, acreditaram que receberiam rejeições ou indiferença. Isso mostra que elas não se consideram bem aceitas na família, têm baixa auto estima, o que pode ser resultado do abuso sofrido. As garotas podem ter construído, como acontece em casos de vítimas de abuso sexual, um sentimento de culpa diante da situação, ou ainda de inadequação no grupo.

O teste sociométrico também foi usado por Smeha e Seminotti (2008) como uma maneira de compreender como ocorre a inclusão de crianças com Síndrome de Down (SD), analisando as relações interpessoais entre crianças com SD e as demais crianças da sala de aula. A pesquisa contou com a participação de 18 crianças, com idade entre 7 e 13 anos, dos quais dois com SD. Os resultados mostraram que a diferença causa estranheza nos alunos, que não incluem naturalmente as crianças com SD em seus círculos de amizade. A mediação do professor é fundamental para que eles não se afastem da criança com SD. Os resultados dos testes sociométricos mostraram que as duas crianças com SD se elegeram mutuamente. Durante a observação das autoras, as duas crianças raramente interagem, mas mesmo assim havia uma identificação entre eles.

Cuzin (2008) realizou um estudo de caso em uma instituição de ensino superior pública do estado de São Paulo, entre os anos de 2003 a 2005, com 50 alunos de graduação do curso de Pedagogia vespertino. O objetivo era analisar como se davam as relações desses estudantes ao longo dos anos. A autora constatou que as relações tornaram-se mais conflituosas com o tempo. Como considerações, aponta que não existiu nenhum tipo de projeto, por parte da instituição, de diagnóstico, prevenção ou ação curativa para essas dificuldades. A autora propõe, como possibilidade de método para lidar com as questões interpessoais dos alunos, o uso do psicodrama.

O estudo de Nery e Costa (2009), com estudantes da Universidade de Brasília, buscou compreender como se dão as relações afetivas entre os universitários contemplados pelas cotas raciais e os não cotistas, usando como embasamento teórico a Sociometria. Participaram da pesquisa cinco estudantes, com idade entre 20 e 23 anos, quatro do sexo masculino e um do sexo feminino. Como método para alcançar este objetivo, foram usadas entrevistas e o sociodrama. O resultado da pesquisa mostra que os estudantes negros, independentemente de terem entrado na universidade pelo sistema de cotas ou não, se sentem isolados e discriminados pelos demais universitários.

Martinelli e Schiavoni (2009) buscaram em sua pesquisa relacionar a percepção que cada aluno tem das expectativas do professor com relação a ele e a aceitação/rejeição por parte dos colegas. A pesquisa foi realizada com 130 crianças com idade entre 9 e 10 anos, de ambos os sexos. O estudo mostrou que há uma relação entre as características estudadas, sendo que os alunos que declararam acreditar que o professor tinha uma expectativa mais negativa em relação à ele, tiveram maior frequência de rejeição pelos colegas, enquanto os alunos que percebem a expectativa do professor positivamente tiveram mais aceitação. O estudo mostra diversas facetas do cotidiano escolar que podem prejudicar a construção de relações entre as crianças, afetando o sucesso escolar individual de cada aluno.

As pesquisas citadas mostram o amplo uso feito dos testes sociométricos com o objetivo de quantificar as relações interpessoais, em especial no âmbito escolar. Embora Moreno tenha previsto a possibilidade de utilizar os testes para, além de medir as relações, entender os motivos das escolhas e rejeições, quase não se encontra na literatura da área exemplos de projetos que tenham se proposto a realizar esta categorização das respostas. Este estudo, especificamente, pretende utilizar o Teste Sociométrico Perceptual, a vertente do teste utilizada pelo próprio Moreno ao realizar projetos de pesquisa em uma escola primária. Assim, objetiva-se aplicar os testes sociométricos para verificar a posição sociométrica das crianças na sala de aula e, também, compreender quais fatores influenciam as escolhas e rejeições feitas por essas crianças.

METODOLOGIA

OBJETIVOS:

- Analisar as posições sociométricas ocupadas pelos indivíduos em cada turma;
- Buscar relações entre as escolhas das professoras e os resultados dos testes das crianças;
- Verificar, por meio de conversas individuais, os motivos que influenciam as escolhas e rejeições das crianças.

PARTICIPANTES:

Participaram da realização deste estudo 32 crianças de uma escola municipal de ensino fundamental do município de Campinas. Destas, 15 crianças freqüentam uma sala de segunda série e têm idade entre 7 e 8 anos. As outras 17 são de uma turma de primeira série, com idade de 6 e 7 anos. A amostra apresenta um total de 19 meninas e 13 meninos. As professoras das duas salas também participaram da pesquisa.

PROCEDIMENTOS DE CONTATO COM A ESCOLA:

Inicialmente, foram selecionadas algumas instituições públicas de ensino fundamental do município de Campinas nas quais seria possível realizar a pesquisa. O contato foi realizado em três escolas, através de uma conversa entre a autora do projeto e a direção das escolas. Duas delas não demonstraram interesse, preocupando-se com a possibilidade de a realização deste estudo atrapalhar de alguma maneira o andamento das aulas. Por outro lado, a diretora da escola escolhida foi bastante favorável à realização da pesquisa em sua escola. Na primeira visita, foi entregue à direção uma carta da coordenação do curso de pedagogia, a qual explicava que a aluna estava realizando o trabalho de conclusão de curso e, para concluí-lo, precisava realizar esta coleta de dados em uma instituição de ensino. Ela mostrou interesse pelo projeto de pesquisa. O trabalho foi explicado para ela,

assim como a intenção de realizar uma observação em uma ou mais salas de sua escola e de fazer o teste sociométrico com os alunos das salas. Ela solicitou que, antes de iniciada a coleta de dados, fosse levado para ela um exemplar do teste que seria realizado com as crianças e da carta que seria entregue aos pais.

Na segunda visita, a coordenadora pedagógica também estava presente. Foram entregues exemplares do teste sociométrico a elas, assim como um modelo do termo de consentimento, que seria entregue aos pais ou responsáveis das crianças. Foram esclarecidas todas as dúvidas, em geral concernentes ao caráter confidencial que a pesquisa exige, com relação aos alunos, à própria instituição e à equipe gestora.

Ainda no segundo dia foi apresentada uma das professoras, de uma turma de segunda série, a quem a diretora sugeriu que oferecesse sua sala para observação. A professora aceitou. No primeiro dia foi realizada uma observação, depois, no final da aula, uma conversa com a professora, explicando os objetivos da pesquisa e os instrumentos utilizados. Foram entregues às crianças os termos de consentimento, para serem levados para casa e explicado a elas que em caso de consentimento do responsável, estes termos deveriam ser devolvidos assinados. As cartas explicavam que o estudo objetivava uma melhor compreensão das relações em sala de aula, que seriam aplicados questionários e que as informações obtidas seriam sigilosas. Traziam também o telefone da aluna e de sua orientadora, caso quisessem entrar em contato para mais informações. Muitos pais telefonaram para a professora da sala, para perguntar mais detalhadamente do que se tratava.

Na outra semana, foram recolhidos 15 termos assinados. Como havia interesse em uma amostragem maior, procurou-se mais uma professora que se dispusesse a participar da pesquisa. Uma professora da sala de primeira série interessou-se pelo projeto e afirmou que seus alunos, mesmo sendo novos, já conseguiam escrever os nomes dos colegas, podendo assim realizar o teste sociométrico. Foi realizado também um primeiro dia de observação na sala e, ao final, foi entregue às crianças o termo de consentimento. Nesta turma, houve 17 respostas afirmativas.

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA:

Para a observação e aplicação dos testes, foi escolhida uma escola da rede pública municipal de Campinas. A escola está localizada na periferia de Campinas. A grande maioria dos alunos que frequentam a escola reside próximo à escola, evitando assim percorrer longos trajetos de ônibus ou carro. Com boa infra estrutura – apesar de ser a única escola municipal que não possui sala de computação devido ao pouco espaço físico que dispõe, seus recursos como biblioteca, televisão e aparelho de som são utilizados frequentemente em todas as salas. A escola funciona em três períodos, o primeiro compreendendo as séries iniciais de 1º ao 4º ano (de acordo com o ensino de 9 anos) com horário das 8h ao 12h. No período vespertino das 13h às 17h são recebidos os alunos do 2º ao 5º ano. No horário das 18h às 22h, ocorre a Educação de Jovens e Adultos – supletivo do 1º ao 5º ano.

CARACTERIZAÇÃO DAS SALAS SELECIONADAS PARA O ESTUDO:

Na sala de primeira série, a maioria das crianças possui sete anos de idade e já é alfabetizada, sabendo redigir frases curtas em letras de forma ou cursiva, bem como realizar cálculos em unidades. A parcela da classe que não consegue acompanhar o ritmo dos alunos é convidada às aulas de reforço três vezes por semana com duração de uma hora cada, momento em que a professora pode dar maior atenção individual para as dificuldades das crianças. O ensino em sala é quase completamente voltado para a alfabetização.

Na turma da segunda série, as crianças têm entre 7 e 8 anos. A professora é jovem e existe um relacionamento de amizade entre ela e os alunos. As crianças já escrevem e lêem textos, à exceção de alguns que ainda apresentam dificuldade. Nesta turma, também existe a possibilidade de participar das aulas de reforço durante a semana.

Como parte da aplicação do teste consiste em perguntar às professoras quem elas acham que seria eleito e quem seria rejeitado pelas crianças, vale caracterizar brevemente as professoras e seu relacionamento com a classe. Será interessante também notar, mais adiante, ao tratar das escolhas dos alunos e seus motivos, como a ação da professora reflete nas crianças. No caso da turma

de primeiro ano, o relacionamento da professora com as crianças é de muito companheirismo. Eles a respeitam muito e nota-se que ela se esforça ao máximo para resolver as situações sem precisar recorrer ao grito, ainda que algumas vezes o faça. É interessante que, mesmo quando ela grita com a sala, depois que as crianças se acalmam ela conversa a respeito do que aconteceu e como podiam ter evitado esse episódio.

A professora da turma de segundo ano também procura manter uma relação de amizade com as crianças. Muitas vezes, começa o dia com uma conversa, na qual conta para os alunos algumas situações que ela está passando em sua vida particular. Isso parece fazê-los sentirem-se a vontade para compartilhar também com a sala o que se passa em suas vidas, pois geralmente nesse momento eles contam coisas bastante pessoais.

PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS:

Durante o período de um semestre foram realizadas observações nas duas salas, uma vez por semana em cada uma. As crianças se familiarizaram com a pesquisadora, que conversava com eles durante os intervalos, participava das atividades do dia e auxiliava na resolução dos exercícios requisitados pela professora. No primeiro dia de participação em cada uma das salas, a estudante foi apresentada pela professora à turma como uma aluna de pedagogia, que estava estudando para ser professora e ia acompanhar a turma deles, que eles a ajudariam em seu trabalho de faculdade. A presença da pesquisadora gerou muita curiosidade entre as crianças, mas com o tempo, passou a fazer parte da rotina da turma.

Quando foram devolvidos os termos de consentimento assinados, as professoras cederam um espaço em suas aulas para a aplicação dos testes sociométricos. O teste foi explicado aos alunos, assim como seus objetivos. Foi explicado a eles que as respostas eram confidenciais e que não afetariam suas notas na escola. Cada pergunta foi lida com as crianças, eles responderam com os nomes dos colegas. A realização do teste ocupou aproximadamente 40 minutos em cada sala. No mesmo dia, realizou-se o mesmo questionário com a professora, que foi solicitada a responder quais das crianças ela acreditava que receberia mais escolhas e mais rejeições em cada categoria.

Depois de obter as respostas dos testes, a pesquisadora realizou conversas individuais com as crianças, nos momentos de intervalo. As crianças foram questionadas a respeito de suas escolhas, buscando obter de cada uma os motivos de terem escolhido e rejeitado cada colega especificamente.

INSTRUMENTO:

O instrumento escolhido para analisar as relações interpessoais nestas salas de aula foi o teste sociométrico, desenvolvido por Moreno (1962). A partir dos resultados dos testes, pretende-se compreender como se dão as relações interpessoais das crianças em sala.

Como o objetivo deste trabalho não é exclusivamente quantitativo, ou seja, apenas o de traduzir os dados obtidos em números, foi utilizada uma vertente do teste sociométrico ainda pouco explorada, o Teste Perceptual. Esta modalidade do teste é utilizada por Moreno, nas pesquisas realizadas com crianças de escolas primárias.

Esta vertente tem uma primeira etapa similar ao teste sociométrico objetivo. É aplicado um questionário para as crianças participantes, com as seguintes perguntas:

- Quem da sua classe você gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?
- Com quem da sua classe você gostaria de brincar?
- Quem da sua classe você não gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?
- Com quem da sua classe você não gostaria de brincar?

Para cada uma dessas perguntas, o aluno deveria eleger três colegas, seguindo uma ordem de preferência. Em um momento posterior, cada aluno, em conversa individual com a pesquisadora, foi questionado a respeito de suas escolhas. Para cada pergunta, era solicitado de cada criança que tentasse explicar porque escolhera determinada criança ou porque a rejeitara. Em seguida, as respostas foram categorizadas e dispostas em tabelas, que mostram as freqüências das respostas.

RESULTADOS

A realização deste trabalho produziu como resultado três tipos de dados. Primeiramente, houve a escolha nominal das crianças, obtida através da aplicação do teste sociométrico. O segundo dado é a opinião das professoras a respeito das respostas de seus alunos. Esses dois dados serão discutidos conjuntamente. Finalmente, discute-se as justificativas apresentadas pelas crianças para as escolhas apresentadas.

A primeira etapa do trabalho consistiu em questionar às crianças de uma turma de primeira série e uma de segunda série a respeito de suas escolhas para brincar e estudar. Para isso, utilizou-se como instrumento o teste sociométrico com as seguintes perguntas: “Quem da sua classe você gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?”, “Com quem da sua classe você gostaria de brincar?”, “Quem da sua classe você não gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?”, “Com quem da sua classe você não gostaria de brincar?”. As respostas das crianças serão apresentadas abaixo em quadros que mostram, para cada questão, a quantidade de escolhas e rejeições que cada criança recebeu.

Quadro 1: Escolhas e rejeições da primeira série.

Sujeito	Estudar	Brincar	Não Estudar	Não Brincar
J.V.	1	2	5	2
H.C.	3	3	2	2
D.S.	1	4	1	1
E.O.	4	2	0	1
F.R.	0	3	2	0
L.E.	2	4	0	3
G.R.	2	3	1	2
G.O.	1	2	0	1
I.M.	1	1	3	5
J.S.	2	6	0	1
L.F.	2	3	2	2
K.G.	2	0	0	1
L.P.	2	0	3	2
L.V.	7	2	2	0
L.L.	2	0	6	4
P.S.	2	3	3	1
G.V.	4	2	1	2

Para a questão relativa a escolher alguém para estudar, o garoto que recebeu mais escolhas dos colegas foi L.V.. Durante a observação realizada nesta sala, notou-se que este não é o garoto que se sai melhor nas atividades propostas pela professora, como H.C e G.V., que geralmente conseguem concluir todos os exercícios rapidamente e sem dificuldade. No entanto, L.V. sempre oferece ajuda aos colegas que não conseguiram realizar sua tarefa. A professora da sala incentiva este comportamento, solicitando aos alunos que concluíram seu exercício que busquem ajudar os outros e L.V. sempre o faz. As crianças que receberam menos escolhas para estudar, como F.R., que não foi escolhida nenhuma vez e I.M e J.V., que receberam uma escolha, são em sua maioria alunos que participam do grupo de apoio, que é um momento durante a semana em que alguns alunos são retirados de cada sala para terem aulas especiais. Estes alunos são, geralmente, os que têm mais dificuldade com a alfabetização. O teste revelou que os alunos da sala não escolhem essas crianças para sentarem-se ao seu lado para estudar.

Para cada pergunta realizada às crianças, solicitou-se a professora da primeira série que indicasse quais crianças ela acreditava que receberiam mais escolhas dos colegas. A questão inicial foi: "Quem da sua classe você gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?", sobre a qual foi solicitado à professora que tentasse pensar quem de seus alunos seria o mais escolhido e quem ficaria em segundo e terceiro lugar. A professora indicou, em primeiro lugar, G.V., em segundo, H.C. e em terceiro, E.O.

Ao ser questionada sobre os motivos que a levaram a estas escolhas, a professora disse que estes são os alunos mais inteligentes de sua turma, que têm mais facilidade de acompanhar o conteúdo que ela apresenta e que conseguem resolver as atividades propostas. Estas respostas diferem das obtidas através dos testes sociométricos realizados com as crianças. O garoto mais indicado pelas crianças nem aparece entre os três escolhidos pela professora. Uma possibilidade para a ocorrência dessa discrepância pode ser a diferença dos critérios utilizados pela professora e pelos alunos na hora de escolher. Enquanto ela utilizou um embasamento intelectual para sua explicação, as crianças, em sua maioria, responderam a aspectos afetivos ou ao comportamento dos colegas. As respostas mostram que, para a maioria das crianças, a prioridade não é

aproximar-se de um colega que seja muito inteligente, mas que esteja disposto a ajudar quando houver necessidade.

A segunda questão realizada foi “Com quem da sua classe você gostaria de brincar?”. As respostas trazem escolhas bem diferentes das da primeira questão, mostrando que poucas crianças escolhem o mesmo colega para estudar e para brincar. Aqui, a criança mais escolhida foi J. S., uma garota que exerce uma espécie de liderança entre as meninas, sempre tem um grupo de garotas por perto, decide o que vão fazer, do que vão brincar. É, também, uma menina que se relaciona bem com os garotos, tendo sido também escolhida por alguns deles. Três crianças não recebem nenhuma escolha, K.G., L.P. e L.L.. A primeira é uma criança que fica bastante sozinha na classe. Os outros dois são garotos que brigam muito com os colegas. I.M. recebe apenas uma escolha para esta questão e havia recebido apenas uma escolha também para a pergunta referente a estudar. Nas duas situações, ela é escolhida pela mesma garota, F.R., a quem I.M. escolhe também para brincar.

Para esta questão, as respostas da professora foram L.E. em primeiro lugar, G.V. em segundo e H.C. em terceiro.

Dessa vez, o primeiro nome sugerido pela professora realmente recebeu muitas escolhas das crianças, tendo sido o segundo mais escolhido pela turma. A garota que recebeu mais escolhas, no entanto, não aparece na seleção da professora. Novamente, parece haver uma diferença entre o critério que a professora acredita que as crianças utilizariam para realizar suas escolhas e a maneira como elas realmente escolhem. Nesta questão, a professora embasa suas escolhas na aceitação que determinadas crianças parecem ter sobre as outras. Ela escolhe os que possuem muitos amigos, que estão sempre alegres e são brincalhões como possíveis escolhidos por seus alunos.

As respostas das crianças mostram muita insegurança ao tratarem questões de relacionamentos. Diversas respostas apresentaram como justificativa o fato de a criança escolhida ser muito querida pelos outros, argumentos similares aos da professora. Algumas crianças não escolhem para brincar quem é amigo, quem eles sabem que gosta deles ou com quem eles já têm um relacionamento, mas colegas populares, com os quais uma amizade parece, na visão de algumas crianças, inatingível. Respostas como: “todo mundo queria ser amigo dela”,

“queria brincar com a J.S., mas ela nunca quer brincar comigo.” ou “queria brincar com a G.V., ela é muito legal, muito linda, mas eu não sei se ela gosta de mim.” são exemplos dessas escolhas.

Por outro lado, grande parte dessas crianças realiza suas escolhas com base no comportamento dos colegas. Suas respostas mostram como eles prezam a companhia de alguém que cuide deles, que enfrente as crianças que caçoam deles ou apenas que não os deixem sozinhos.

A terceira pergunta dirigida à turma foi: “Quem da sua classe você não gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?”. L.L. recebe o maior número de escolhas para esta questão, sendo que nas anteriores havia recebido poucas escolhas para estudar e nenhuma para brincar.

I.M. e J.V. também receberam uma quantidade grande de votos, tendo J.V. recebido a segunda maior quantia de escolhas pela turma. L.L. é o garoto com quem a professora tem mais dificuldade de lidar. Provavelmente, por perceberem isso, as crianças entendem a idéia de tê-lo sentado ao seu lado como algo negativo.

As respostas da professora foram, em primeiro lugar, L.L., em segundo, I.M. e em terceiro, J.V. Para esta questão, as respostas foram bastante próximas das apresentadas pelas crianças. L.L. foi a criança que recebeu mais escolhas para esta pergunta, referentes a quem eles não gostariam de ter ao seu lado durante a aula.

I.M. foi a segunda escolha da professora. A justificativa que ela apresentou para tal foi muito parecida com o que foi encontrado nas explicações das crianças. I.M. é uma garota que não se dá muito bem com as meninas da sala, pois prefere brincar com os meninos, jogar bola, trocar figurinhas, correr. Ela tem, portanto, rejeições de meninas, mas também algumas dos próprios garotos, pois muitos deles não a aceitam como parte do grupo por ela ser menina. A professora escolheu essa garota apresentando esses argumentos como motivos, mostrando que tem uma boa percepção de como se dão os relacionamentos na turma.

A última pergunta realizada para esta turma foi: “Com quem da sua classe você não gostaria de brincar?”. I.M. é a criança que mais recebe rejeições para brincar. Nas questões acerca do estudar e brincar, como foi mostrado anteriormente, ela recebe apenas uma escolha em cada. L.L. é novamente um

dos mais rejeitados, aparecendo com o segundo maior número de escolhas. É interessante notar que, além das crianças que recebem rejeições por parte dos colegas, existem algumas que quase não aparecem nas respostas, nem positivas nem negativas. É o caso, por exemplo, de K.G., que recebe uma escolha para não brincar e nenhuma para brincar. As respostas sugeridas pela professora foram, em primeiro lugar, I.M., em segundo, L.P. e em terceiro, F.R.

A primeira escolhida pela professora corresponde à criança que recebeu mais votos dos colegas. Ela aparece também na resposta acima e as justificativas apresentadas são as mesmas, principalmente por se tratar agora de com quem brincar. As meninas e os meninos têm dificuldade de aceitar uma menina que brinca com os meninos, de brincadeiras de meninos.

A segunda escolha da professora é um garoto que também recebeu alguns votos das crianças. Já a garota que a professora acreditou que ficaria em terceiro lugar nas escolhas de alguém com quem seus alunos não gostariam de brincar não recebeu nenhuma escolha.

Quadro 2: Escolhas e rejeições da segunda série

Sujeito	Estudar	Brincar	Não Estudar	Não Brincar
L.N.	1	1	1	5
Y.G.	2	2	0	1
E.L.	2	2	2	3
R.P.	1	2	2	0
B.B.	0	0	7	5
R.B.	5	2	0	0
G.H.	4	3	0	0
A.G.	2	2	6	4
G.T.	2	3	3	1
P.S.	0	2	0	0
A.C.	2	4	3	1
M.A.	2	1	2	2
R.C.	1	1	2	5
G.C.	3	2	2	0
J.F.	0	2	0	2

A primeira pergunta realizada para esta turma foi: "Quem da sua classe você gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?". Para esta questão, a maioria das crianças recebeu um ou dois votos dos colegas. Destacam-se R.B.,

com cinco escolhas, G.H., com quatro e, com nenhuma eleição, B.B., P.S. e J.F. Durante o período de observação dessa classe, notou-se que R.B. tem muita facilidade em aprender e realiza as atividades propostas pela professora muito rapidamente, tanto as relativas à língua escrita quanto as de matemática. Por isso, geralmente, enquanto a professora passa uma atividade para a turma e tenta ajudá-los na execução desta, ela já prepara duas atividades a mais para R.B., sempre com um desafio, como jogos de lógica, e a garota fica concentrada tentando resolver tudo. G.H. não está entre as crianças com mais facilidade de aprendizagem da turma, mas é a que mais se preocupa com os colegas. Sempre que consegue resolver um exercício, ajuda todas as crianças com dificuldade. P.S. e J.F. são duas garotas que participam do grupo de aulas especiais e, em sala, apresentam bastante dificuldade, principalmente em escrever. No geral, são as que mais demandam atenção da professora. B.B. é um garoto que não tem problemas com as atividades na aula, mas sim com os relacionamentos. Ele senta separado de todos, no fundo da sala, por iniciativa própria.

A professora da turma de segunda série também foi convidada a responder às perguntas propostas para as crianças, com o objetivo de realizar uma comparação entre as escolhas das crianças e as sugestões da professora. Para esta questão, a resposta apresentada pela professora foi, para a criança mais escolhida, R.B., para o segundo lugar, M.A. e para o terceiro, G.H.

A professora justificou sua resposta no fato de que essas alunas são as que apresentam melhor desempenho em classe. Elas têm as melhores notas, não fazem bagunça ou ficam conversando na sala, sempre fazem aquilo que lhes é solicitado. Além disso, são as que lêem e escrevem melhor, já conseguem fazer textos completos.

A criança que a professora elegeu como a que receberia mais escolhas foi realmente a garota que ficou em primeiro lugar nas respostas das crianças. As justificativas que os alunos apresentam são muito próximas das da professora, como mostram as falas apresentadas, que têm como base para o fato da menina ser inteligente a observação da maneira como a professora a trata, chamando-a para responder os exercícios na lousa, elogiando seu trabalho.

A segunda opção da professora, no entanto, foi diferente das eleições das crianças. A criança que a professora escolheu como segundo lugar foi indicada

por apenas duas crianças, como segunda opção em uma e terceira na outra. Isso mostra que apenas ser inteligente não é suficiente para ser escolhida pelos colegas. Nas outras respostas, muitas vezes aparecem falas de crianças que a descrevem como “puxa-saco”, “mandona”, “exibida”. Algumas crianças inclusive elegem esta mesma garota como resposta para com quem não gostariam de estudar e se justificam no fato de que ela não gosta de ajudar ninguém.

A criança que a professora aponta como terceira opção é, nas escolhas das crianças, a segunda que recebe mais votos. Dessa vez, as explicações são em sua maioria referentes ao comportamento da garota, como ela age com os colegas. As respostas afirmam que ela sempre ajuda os outros a fazerem os exercícios quando têm dificuldade, que ela é muito legal, muito fofa.

Para a pergunta “Com quem da sua classe você gostaria de brincar?”, as respostas das crianças estão bem distribuídas. Desta vez, o único que não recebeu nenhuma escolha foi B.B., todos os outros são escolhidos por pelo menos uma outra criança. A.C. é a garota que recebe mais votos, é uma menina muito bonita, muito querida pelos colegas. G.H. aparece novamente com bastante escolhas. G.T. recebe escolhas de seu grupo de amigos, uma turma de quatro garotos, sobre quem exerce uma espécie de liderança, tomando decisões pelo grupo, mas também demonstrando cuidado, ajudando-os durante a aula, defendendo-os em brigas.

A professora foi questionada sobre as crianças que ela pensava que seriam as mais escolhidas para esta pergunta. As escolhas da professora foram A.C. em primeiro lugar, R.B. em segundo e G.H. em terceiro.

A primeira opção da professora, mais uma vez, coincide com a criança mais escolhida pelos colegas. A explicação da professora foi que A.C. é uma menina linda, meiga, que conversa com todos. As respostas com relação a ela mostraram que algumas crianças a elegeram com base em aspectos físicos, pela beleza da garota. Aparecem ainda demonstrações de admiração, por ela ser popular, amiga de todos.

A segunda sugestão da professora não é igual à resposta das crianças, mas a terceira criança, G.H., foi realmente a uma das mais escolhida pelos colegas. G.H. também aparece entre as mais escolhidas na questão acima, sempre com justificativas similares, baseadas em sua atitude de cuidar dos

outros. Aqui, aparece uma resposta especificamente, de uma garota que a elege como companhia para brincar porque afirma que G.H. é a única criança da sala que conversa com ela.

A terceira pergunta realizada foi "Quem da sua classe você não gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?". B.B., que não recebeu escolhas nas questões anteriores, recebeu sete rejeições nesta. Pode-se notar com clareza no cotidiano que as crianças evitam sentar-se perto dele e dificilmente interagem com ele. A.G. recebe seis rejeições, mas, diferentemente de B.B., ele tem uma turma de amigos, tendo recebido duas escolhas para cada uma das questões anteriores. Seu comportamento bagunceiro provavelmente foi a razão para estas rejeições.

Questionou-se à professora quem ela achava que seriam as três crianças mais escolhidas para esta pergunta. As crianças que a professora selecionou foram, primeiro, A.G., segundo, L.N. e terceiro, B.B.

A justificativa dela para o primeiro selecionado foi de que A.G. é um garoto difícil e as crianças percebem isso. Segundo a professora, era bastante claro que ele não conseguia acompanhar, conversava com todo mundo, distraía os colegas e atrapalhava quem estivesse ao seu lado. Este garoto realmente recebeu muitas escolhas, mas ficou em segundo lugar no total de escolhas das crianças. É interessante notar que, ao serem solicitados a justificar sua decisão, a maioria das crianças explica a escolha deste garoto com argumentos parecidos com os da professora. Ficou inclusive bastante evidente no momento de analisar as respostas das crianças como a própria fala delas lembrava a maneira com que a professora se dirigia a este garoto, especificamente, durante as aulas, como notou-se nos dias de observação realizados nessa sala. Respostas como: "não pára quieto um minuto", "não para sentado um minuto!" assemelham-se a expressões usadas pela professora em sala, quando conversa com A.G.. Aparece, ainda, uma resposta: "porque ele sempre vai pra diretoria", que mostra também a influência que o tratamento a professora diante da turma com relação a um garoto pode ter na maneira como seus colegas se relacionam com ele.

A garota que a professora acreditou que seria a segunda mais votada nesta questão foi escolhida por apenas uma criança. É interessante notar, no entanto, que na questão "Com quem da sua classe você gostaria de estudar?",

esta mesma garota recebeu apenas um voto de outra colega, que a escolheu como terceira opção. Ou seja, ela quase não aparece nas respostas dos colegas, nem como escolhas para brincar ou estudar, nem como rejeição para estas atividades. Este resultado é consistente com a explicação da professora pela eleição da garota, com base na observação de que a aluna está sempre muito sozinha, tanto durante as aulas como nos momentos de intervalo.

O garoto que a professora achou que viria em terceiro lugar foi na realidade o mais escolhido. A professora afirma que realizou esta escolha com base no comportamento do garoto, bastante infantil, o que, segundo ela, incomoda os colegas. Algumas respostas realmente confirmam sua opinião, como por exemplo: "porque ele é muito bobo, fica fazendo lutinha de lápis no meio da aula."

A última pergunta realizada para as crianças foi: "Com quem da sua classe você não gostaria de brincar?". Para esta questão, L.N., B.B. e R.C. receberam cinco rejeições. L.N. é a garota que apareceu entre as respostas da professora para a questão anterior, com a justificativa de que ela está sempre sozinha, o que pôde ser observado durante o acompanhamento desta turma. R.C. é uma garota muito bonita e que tem mais amizade com os meninos, por isso é rejeitada pelas meninas da turma, que a excluem dos grupos de meninas.

A professora foi solicitada a pensar quem seriam as três crianças mais votadas para esta questão. As crianças que a ela sugeriu foram L.N. em primeiro, A.G. em segundo e B.B. em terceiro.

A professora explicou que gostaria de manter as escolhas da questão anterior, pois essas eram as crianças que ela percebia que tinham mais dificuldade de se relacionar com os colegas. A primeira escolha dela realmente foi uma das meninas que recebeu mais votos dos colegas. Ao justificarem suas respostas, três crianças afirmaram que não gostariam de brincar com ela por motivos relacionados a aspectos físicos, por a considerarem "feia" e "gorda". Um garoto a escolheu com base na seguinte explicação: "Com a L.N, ela não gosta de brincar. Ela nem fala!" Essa justificativa reflete o comportamento real da garota em sala, sempre com uma expressão séria, quase não conversa com os colegas.

As crianças escolhidas como segunda e terceira opção pela professora receberam na realidade quatro e cinco escolhas, respectivamente. O resultado foi muito próximo do antecipado por ela. B.B., um dos mais escolhidos, é também um

garoto que passa a maior parte do tempo sozinho, porém diferente de L.N., ele brinca bastante, parece se divertir, mesmo que sem interagir muito com os colegas. Suas brincadeiras são muito diferentes das de outras crianças e ele não parece se importar com o fato de os colegas não quererem brincar com ele. L.N. é uma das crianças que o rejeita e sua justificativa é bastante interessante: “Com o B.B. Ele não tem nenhum amigo.” Isso pode ser um indício de como a garota percebe que não tem muitos amigos e sente falta disso, considera isso algo negativo. Sua resposta para a escolha da pergunta relativa à com quem gostaria de brincar também mostra aspectos de dificuldades de auto-estima da garota, que escolheu uma menina com a seguinte explicação: “Porque ela gosta de mim.”

O garoto que aparece em terceiro lugar é um caso que se diferencia dos demais. Ele recebe muitos votos das crianças, como a professora acreditou que aconteceria. As explicações relativas a ele, mais uma vez, fazem referência à bagunça. A.G., no entanto, é um garoto muito criativo, que inventa histórias e brincadeiras e está sempre rodeado de crianças. Nos momentos de intervalo entre aulas, os amigos se aproximam dele (ele no geral é colocado pela professora em lugar afastado dos outros) para conversar, contar algo, convidá-lo para brincar. Os resultados obtidos através das respostas das crianças, portanto, não condizem com o que se observa no cotidiano da turma.

Categorização das respostas das crianças

Por fim, o último dado a ser avaliado são as justificativas das crianças para cada questão. Os dados obtidos através das conversas com as crianças foram analisados em dois momentos. Inicialmente, foi realizada uma categorização das respostas das crianças e calculada a frequência com que cada motivo aparece. Em seguida, foi realizada uma interpretação dos dados, com o propósito de buscar entender as escolhas.

Foi solicitado às crianças, como parte do teste, que procurassem explicar os motivos que as levaram à determinada escolha ou rejeição. As respostas foram analisadas, categorizadas e organizadas em tabelas. As respostas foram organizadas a partir das seguintes categorias:

- Aspectos afetivos;
- Aspectos intelectuais;
- Aspectos comportamentais;
- Gênero;
- Aspectos físicos.

Considerou-se como "aspecto afetivo" todo motivo apresentado que se relacionasse à amizade; à identificação, como gostar de fazer as mesmas coisas; à admiração pelo colega e às demonstrações de afeição. A categoria "aspectos intelectuais" é definida por respostas que apresentem como motivo a habilidade do colega em resolver atividades escolares, relacionadas à leitura, escrita, operações matemáticas, entre outros. A categoria ligada ao "comportamento" é, no geral, derivada de ações ou de atitudes que a criança observa no colega escolhido. A categoria "gênero" refere-se às escolhas ou rejeições decorrentes do sexo tais como ser menino ou menina, enquanto a categoria "aspectos físicos" trata de escolhas relacionadas à aparência física, como ser feio ou bonito, limpo.

Resultados da primeira série

As próximas quatro tabelas referem-se aos testes realizados com a sala de primeira série. A Tabela 1 apresenta os motivos indicados pelas crianças como justificativa às respostas à pergunta: "Quem da sua classe você gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?"

Tabela 1: Resultados da primeira série referentes à escolha para estudar

MOTIVOS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM
Aspectos afetivos	8	47,05%
Aspectos intelectuais	3	17,64%
Comportamento	6	35,29%
Gênero	0	0%
Aspectos físicos	0	0%

Os aspectos afetivos representam uma parcela de 47,05% da sala. A maioria das explicações embasa-se na amizade, em motivos como "porque a

gente é amigo desde pequeno”, “porque ele é como se fosse meu irmão”, “porque ela é minha melhor amiga”. Aparecem também algumas respostas que mostram admiração pela popularidade da pessoa escolhida, como em:

“Foi muito legal quando ela sentou do meu lado, todo mundo queria que ela sentasse perto.”

Uma porcentagem de 35,29% das crianças tem escolhas que se apóiam no comportamento dos colegas. Das seis respostas pertencentes a essa categoria, quatro são motivadas pelo fato de o colega escolhido ajudar a criança que o elegeu a fazer suas atividades, enquanto uma menina indica que gostaria de sentar-se perto de determinada garota porque sabe que ela tem dificuldades e gostaria de ajudá-la com suas tarefas. Uma garota escolhe o colega que tem uma atitude protetora com relação a ela, que é alvo das brincadeiras da turma:

“Eu queria o L.V., porque aí os outros meninos não iam ficar me enchendo, ele cuida de mim.”

Os aspectos intelectuais ocupam 17,64% das escolhas. Os motivos apresentados são no geral baseados na observação do desempenho dos outros colegas, se conseguem ou não fazer as tarefas propostas pela professora, se acertam quando a professora pergunta algo, se realiza as atividades com rapidez. Nas respostas percebe-se a importância que o aprendizado da escrita tem nessa fase, pois a maioria das respostas indica como inteligente aquele que já consegue ler e escrever bem, como:

“Ele já sabe todas as letras, sempre acerta quando a professora pergunta.”

“O E.O., porque ele é super inteligente, já lê super bem!”

Nenhuma das respostas foi influenciada por questões relativas ao gênero ou aspectos físicos.

A Tabela 2 revela as motivações que determinam as escolhas diante da pergunta: “Com quem da sua classe você gostaria de brincar?”

Tabela 2: Resultados da primeira série referentes à escolha para brincar

MOTIVOS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM
Aspectos afetivos	7	41,17%
Aspectos intelectuais	1	5,88%
Comportamento	6	35,29%
Gênero	1	5,88%
Aspectos físicos	2	11,76%

Os aspectos afetivos e o comportamento, mais uma vez, são as variáveis que mais exercem influência sobre as respostas das crianças, com 41,17% e 35,29% das escolhas, respectivamente. O aspecto afetivo apareceu, na resposta relacionada ao brincar, principalmente em justificativas ligadas à identificação. As crianças escolhem quem apresenta interesses em comum, gosta de brincar das mesmas coisas, por exemplo:

“O G.O. é mais legal, porque ele gosta de jogar bola também.”

“Eu queria brincar com a J.S., porque ela é muito legal, a gente gosta de brincar de Idolos, a gente faz dupla e canta muito bem!”

Aparece, aqui também, uma resposta relacionada à admiração, ao desejo de aproximar-se de uma criança popular entre a turma:

“Eu queria que a J.S. fosse também, todo mundo queria ser amigo dela.”

Algumas das respostas referentes ao comportamento se parecem bastante com as da categoria anterior, no sentido em que tratam de crianças que se sentem excluídas ou são vítimas de brincadeiras. Essas crianças escolhem para brincar ou, na questão anterior, para sentar-se ao seu lado, a criança que não a ridiculariza ou a diminui perante os demais ou então que tem uma atitude de proteção. Por exemplo:

“Eu gosto de brincar com ela, porque ela fica brava quando as outras meninas ficam me enchendo. Ela não tem vergonha de brincar comigo.”

“Com a D.S., que ela sempre brinca comigo e nunca me deixa sozinha.”

Na escolha de companhia para brincar, aparecem motivos relacionados aos aspectos físicos e ao gênero. As respostas fundamentadas em aparência física são de duas meninas, ambas justificaram suas escolhas na beleza da colega eleita. O gênero também apareceu como motivo das escolhas. Nesta questão um menino escolheu uma menina vendo como positiva esta diferença. Todas as outras vezes em que o gênero apareceu, foi como justificativa para rejeitar alguém, baseando-se nas diferenças entre menino e menina. Dessa vez, um garoto escolhe uma menina pelo fato de ela ser diferente:

“A J.S., porque ela é uma menina legal de brincar. Às vezes é legal brincar de coisa diferente, dá pra brincar de escola, e tal.”

A próxima Tabela mostra os resultados referentes à questão “Quem da sua classe você não gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?”

Tabela 3: Resultados da primeira série referentes à escolha para não estudar

MOTIVOS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM
Aspectos afetivos	0	0%
Aspectos intelectuais	5	29,41%
Comportamento	9	52,94%
Gênero	2	11,76%
Aspectos físicos	1	5,88%

Para esta questão, não houve respostas que tratassem de aspectos afetivos. O comportamento dos colegas foi o motivo mais utilizado nas explicações, aparecendo em 52,94% das respostas. As escolhas no geral refletem a percepção do comportamento dos colegas em classe. A professora aparece em diversas falas das crianças. Algumas das respostas baseiam-se no que a criança observa da reação da professora diante dos colegas, com quem ela briga mais, quem ela muda de lugar constantemente, quais as razões que a deixam brava.

“Não queria a P.S. do meu lado não! Ela conversa muito e a professora ia ficar brava comigo!”

"O L.L.. Coitada da professora, ele dá um trabalhão! Toda hora ela tem que mandar ele pra diretoria."

Um garoto, em particular, explicou a rejeição a um colega utilizando uma frase que aparece muito na fala da professora, no cotidiano da sala, quando alguém está fazendo muita bagunça. Foi observado que ela tem o costume de perguntar: "Você acha que está na sua casa?", explicando à criança o comportamento esperado em sala de aula. A resposta que o garoto deu foi:

"O L.L.. Ihh aquele lá é tranqueira! Acha que tá na casa dele"

Os argumentos com base em aspectos intelectuais representam 29,41% do total. As respostas mostram o que as crianças consideram positivo como desempenho na escola e desejam ter sentado ao seu lado alguém que apresente um bom rendimento. Grande parte das respostas apresenta como justificativa para a rejeição o argumento de que o colega não é inteligente. As crianças freqüentemente explicam o que entendem por não ser inteligente a partir do domínio que o colega possui da língua escrita.

As duas respostas de gênero referem-se à mesma garota. Ela é amiga dos meninos e só anda com eles, por isso é rejeitada por outras duas meninas. Uma resposta foi justificada em características físicas, um garoto que não gostaria de uma garota sentada perto dele porque "ela é muito feia, dá até medo."

A oitava Tabela traz as justificativas que as crianças apresentaram para suas escolhas referentes à pergunta: "Com quem da sua classe você não gostaria de brincar?"

Tabela 4: Resultados da primeira série referentes à escolha para não brincar

MOTIVOS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM
Aspectos afetivos	3	17,64%
Aspectos intelectuais	0	0%
Comportamento	9	52,94%
Gênero	5	29,41%
Aspectos físicos	0	0%

O comportamento foi a característica que mais apareceu, somando 52,94% das respostas. Novamente, a figura da professora aparece com muita força, ligando a idéia que as crianças têm de um comportamento correto com o que apreendem a partir da relação com a professora. Duas falas aproximam-se das da professora da turma:

“Com o L.E., porque ele não tem respeito com ninguém”

“Com o L.E.. A professora também não gosta muito dele não, eu acho. Ela acha que ele é hiperativo.”

“Com nenhum menino, com o L.P., menos ainda! Aquele bagunceiro!”

A última é particularmente interessante, porque a questão envolvia escolher alguém para não brincar e a garota rejeita um menino com base no fato de que ele é bagunceiro. A concepção de que é errado fazer bagunça mesmo na hora da brincadeira provavelmente é carregada da fala da professora, da importância da disciplina, de ficar quieto, prestar atenção.

O gênero aparece em 29,41% das respostas. Essa porcentagem refere-se a cinco respostas, das quais quatro referem-se à mesma garota, a que aparece na questão acima, recebendo rejeições de meninas por estar sempre com meninos. Dessa vez, ela recebe rejeições também dos garotos, que consideram que ela não sabe brincar com eles por ser menina:

“A I.M., porque ela não sabe jogar bola.”

“Com a I.M! Ela acha que sabe jogar com a gente, mas é muito ruim!”

Enquanto as meninas respondem:

“Com a I.M.. Ela não sabe brincar brincadeira de menina, só gosta de correr, jogar bola, de aula de educação física...”

“A I.M.. Ela só brinca com os meninos.”

Os aspectos afetivos representam 17,64% das escolhas. As respostas trazem a justificativa “porque não gosto dele/dela” ou semelhantes. Não aparece

para essa questão nenhum motivo com base em aspectos intelectuais ou aspectos físicos.

Resultados da segunda série:

A Tabela 5 apresenta os resultados relativos à primeira questão respondida na turma de segunda série, "Quem da sua classe você gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?".

Tabela 5: Resultados da segunda série referentes à escolha para estudar

MOTIVOS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM
Aspectos afetivos	7	46,6%
Aspectos intelectuais	5	33,3%
Comportamento	2	13,3%
Gênero	0	0%
Aspectos físicos	1	6,6%

Ao serem questionados a respeito do que as levou àquelas escolhas, 46,6% das crianças apresentou respostas relacionadas a aspectos afetivos. Algumas das falas das crianças, que aparecem principalmente nas respostas de meninas, baseiam-se na amizade, no argumento "é minha melhor amiga":

"Com a R.B., a gente estuda juntas desde a creche, ela é a minha melhor amiga."

"A E.L. é minha melhor amiga. Eu queria que ela sentasse do meu lado porque aí a gente ia ser mais amiga ainda."

As respostas dos garotos, em sua maioria, encontram justificativa na identificação entre eles, no fato de que encontraram colegas com interesses em comum. Um grupo de garotos apresentou respostas parecidas para explicar porque haviam escolhido determinados colegas:

"O G.T., o A.G. e o Y.G.. A gente faz tudo junto, brinca, joga bola, e estuda também né. Mas a gente não gosta muito de estudar. A gente gosta quando pode

inventar texto, sobre qualquer assunto, aí a gente fala sobre os dinossauros, alienígenas... é muito legal!”

“O Y.G., o A.G., o G.T.. É que a gente é inseparável! E só a gente sabe estudar desse jeito, assim, inventando história...”

As repostas que apresentaram justificativas baseadas em aspectos intelectuais representaram 33,3% do total. As explicações que aparecem para as escolhas mostram o que a criança considera um aluno inteligente: acaba logo os exercícios, sabe ler e escrever, sempre acerta. Aparecem muitas respostas também que se baseiam na opinião que a professora apresenta sobre determinado aluno, se ela o elogia, se pede sua ajuda. Algumas respostas mostram a influência da figura da professora:

“A R.B., porque ela sempre acaba os exercícios que a professora passa primeiro.”

“A R.B.. A professora sempre chama ela pra responder na lousa, ela é muito inteligente!”

As respostas referentes ao comportamento mostram crianças que responderam positivamente a alguma atitude ligada à criança escolhida. Nesta questão, essa categoria aparece com dois aspectos diferentes. O primeiro é mostrado na resposta de uma garota, que escolhe outra para sentar-se ao seu lado por causa de sua atitude referente ao estudo e como a outra garota age com relação a ela no sentido de ajudá-la a estudar:

“A E.L., ela é muito boazinha, sempre me ajuda a escrever quando ela já acabou a atividade dela.”

A outra resposta desta categoria mostra a influência da maneira com que o outro se relaciona com a criança em questão de forma geral no ambiente escolar, como nesse exemplo:

“A R.C., porque ela é a única menina que me trata bem aqui e conversa comigo.”

As questões relativas ao gênero não influenciaram nenhuma resposta nesta primeira questão. Apesar das escolhas motivadas por aparência física representarem apenas 6,6% do total, é interessante que uma criança realize uma opção de colega para sentar-se ao seu lado para estudar adotando este critério. A resposta da criança que realizou esta escolha foi:

“A M.A. e a G.H.. Porque elas são bonitas, mas são legais.”

Essa resposta é particularmente interessante porque a garota demonstra acreditar que, geralmente, meninas bonitas não são legais. É importante também ressaltar que esta mesma garota recebeu algumas rejeições por parte de outros colegas, por questões ligadas à aparência física. Duas colegas a escolheram na pergunta “com quem você não gostaria de brincar?” e apresentaram as seguintes justificativas:

“Com a L.N., porque ela é muito feia.”

“Com a L.N., porque ela é muito gordinha... ah, mas não é isso, é que ela não é legal.”

É curioso como a menina da segunda resposta parece arrependê-se da justificativa que escolheu para fundamentar sua escolha, como se tivesse percebido que cometera um erro. A garota parece entender que não é aceitável realizar uma escolha baseando-se neste critério, então, possivelmente, depois de responder por impulso que não gostaria de sentar-se perto de uma menina gordinha, corrige-se, procurando outra explicação.

A Tabela 6 mostra os resultados referentes aos motivos que as crianças apresentaram para fundamentar suas respostas à questão: “Com quem da sua classe você gostaria de brincar?”

Tabela 6: Resultados da segunda série referentes à escolha para brincar

MOTIVOS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM
Aspectos afetivos	7	46,6%
Aspectos intelectuais	0	0%
Comportamento	4	26,6%
Gênero	0	0%
Aspectos físicos	2	13,3%
Outros	2	13,3%

Os motivos relacionados aos aspectos afetivos também foram os que mais apareceram, representando 46,6% da turma. Aqui aparecem também principalmente questões referentes à amizade e identificação, tais como:

“A gente brinca junto desde pequeno.”

“Também queria brincar com eles, mesmo. É que a gente é parecido.”

“Também, com eles. Na hora de brincar é bem mais legal do que na escola, porque a gente pode fazer o que quiser. A gente gosta das mesmas brincadeiras.”

Neste item, especificamente, aparece uma resposta que denota admiração por parte da criança em relação à criança escolhida:

“Querida que a G.H. me chamasse pra brincar na casa dela. Todo mundo da sala gosta dela.”

Para a escolha de com quem brincar, não aparecem motivações baseadas em aspectos intelectuais. No que diz respeito ao comportamento, há uma porcentagem de 26,6% que se basearam neste critério em sua escolha. Novamente, aparece uma fala de uma criança isolada que escolhe uma colega por ser a única da sala com uma atitude de amizade com relação a ela:

“A G.H.. As meninas da sala não gostam de mim, só ela conversa comigo.”

Com relação à categoria “gênero”, novamente não aparece nenhuma resposta. Quanto aos “aspectos físicos”, há uma porcentagem de 13,3% das

respostas da turma. Nesta tabela, houve duas respostas que se diferenciam das categorias estipuladas para a análise, por isso aparece na categoria “outros”. As duas respostas apresentam um padrão comum, as crianças elegem outra criança para brincar por causa dos brinquedos que a outra tem:

“Eles têm uns dinossauros e um monte de cartinha do Ben 10.”

“Eu fui uma vez na casa dela e é muito legal! Tem brinquedo, doce...”

A Tabela 7 refere-se às justificativas das crianças para suas escolhas diante da pergunta: “Quem da sua classe você não gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?”

Tabela 7: Resultados da segunda série referentes à escolha para não estudar

MOTIVOS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM
Aspectos afetivos	0	0%
Aspectos intelectuais	5	33,3%
Comportamento	7	46,6%
Gênero	2	13,3%
Aspectos físicos	1	6,6%

Esta Tabela mostra a primeira pergunta realizada às crianças na forma de uma negativa, solicitando que eles indicassem quem não queriam que sentasse a seu lado. É interessante notar a diferença que aparece na frequência de respostas motivadas por aspectos afetivos, que havia ficado com a maior parte das opções nas duas primeiras perguntas e agora não é escolhida por ninguém. O motivo que aparece com maior frequência é o “comportamento”, com 46,6% das crianças.

Algumas respostas baseadas em atitudes dos colegas mostram que algumas das crianças carregam a idéia de que o bom aluno é aquele que fica quieto, sentado e realiza todas as atividades que a professora propõe. Esse tipo de pensamento é sustentado pela ação da professora durante as aulas, que em muitos momentos apresenta falas bastante próximas das que as crianças apresentaram para justificar a escolha negativa de alguns colegas. Exemplos dessas respostas são:

"O A.G.. Eu não gosto dele, ele não pára quieto um minuto!"

"A G.C., porque na hora de fazer exercício, ela fica só conversando."

Os aspectos intelectuais representaram as escolhas de 33,3% da classe. No geral, essas respostas baseiam-se no desempenho observado dos outros colegas de sala com relação às atividades propostas pela professora. Um exemplo de resposta ligada a este aspecto é:

"O B.B., porque ele é muito burro. A professora sempre tem que chamar ele lá na mesa dela para ele entender a lição."

Nessa questão, o gênero aparece pela primeira vez como justificativa para as rejeições estabelecidas. É interessante notar que as duas escolhas foram de meninas, que não gostariam de ter meninos sentados perto delas. Elas apóiam seus argumentos na idéia de que todo garoto é igual, nenhum garoto ajuda os outros, todos os garotos fazem bagunça. As respostas foram:

"Nenhum menino, o A.G., o R.P.... porque eles já sabem escrever e não ajudam ninguém."

"Nenhum menino. Os meninos não gostam de estudar, só querem fazer bagunça."

A Tabela 8 é referente à última pergunta respondida pela turma de segunda série, "Com quem da sua classe você não gostaria de brincar?".

Tabela 8: Resultados da segunda série referentes à escolha para não brincar

MOTIVOS	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM
Aspectos afetivos	1	6,6%
Aspectos intelectuais	0	0%
Comportamento	8	53,3%
Gênero	2	13,3%
Aspectos físicos	3	20%
Outros	1	6,6%

Novamente, como na questão anterior, os resultados diferem das respostas apresentadas para as duas primeiras questões. Mais uma vez, o comportamento apresenta a maior porcentagem de respostas, 53,3% e os aspectos afetivos atingiram apenas 6,6% das respostas. Algumas respostas são justificadas pela criança por um comportamento do colega rejeitado de provocá-la, como por exemplo:

"Com a R.C.. Ela fica falando que eu sou baixinha e que nunca vou crescer mais."

"O A.G.. Ele fica rindo de mim na sala"

Outro critério que as crianças utilizam para rejeitar os amigos diz respeito ao que percebem na atitude das crianças que possuem auto-estima elevada por serem bonitas ou terem roupas e acessórios novos. No geral, as meninas reagem negativamente a outras meninas com essas características:

"Com a R.C.. Só porque ela é a mais bonita, ela nunca fala com ninguém, só com os meninos..."

"Com a M.A.. Ela fica sempre se exibindo com as coisas novas dela, tênis, pulseira..."

Por outro lado, em outros momentos aparecem respostas positivas à popularidade e ao fato de determinada criança possuir algo novo ou bonito, como foi mostrado em respostas anteriores. Nesta questão aparece ainda uma resposta que refere-se ao fato de a criança não possuir brinquedos. Tal justificativa não parece se enquadrar em nenhuma das categorias estabelecidas para dividir as respostas, por isso aparece na tabela em "outras":

"Com a E.L.. Na casa dela não tem nenhum brinquedo."

As três respostas relacionadas a aspectos físicos basearam-se em características como ser feia e gorda. Houve ainda duas respostas relacionadas à

questões de gênero, ambas embasando-se na percepção que essas crianças apresentaram de que brincadeiras de menino e de menina são diferentes:

“Com os meninos né! Brincadeira de menino é muito chata, eles não sabem brincar de boneca, trocar vestidinho, dar banho...”

“Com o A.G., com o G.T.... brincadeira de menino um saco, eles se batem, se empurram...”

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho teve como foco principal a interação de crianças em sala de aula. Com o intuito de compreender este fenômeno, realizamos uma coleta de dados através da abordagem perceptual do teste sociométrico. Por isso, os dados apresentados trazem não apenas informações que quantificam as relações de cada criança na sala, mas aprofunda a discussão, buscando atingir o cerne da questão. A intenção é, portanto, de entender com base em quê as crianças fazem suas escolhas no modo de se relacionar com os colegas de sala. Através deste estudo, foram encontrados dados pertinentes para contribuir com esta discussão em diversos aspectos, possibilitando um diálogo com trabalhos previamente publicados.

Pudemos através dos dados obtidos e da observação realizada nas duas turmas acompanhadas encontrar algumas características interessantes no relacionamento das crianças. As duas turmas apresentam algumas poucas crianças, no geral uma ou duas, que recebem mais escolhas que os demais. Nos trabalhos de Moreno (1962), o autor dá a esses indivíduos o nome de Estrela. Estas crianças são as que centralizam mais escolhas e exercem, no cotidiano da sala, uma espécie de liderança. Alguns, por outro lado, não recebem escolhas positivas e aparecem com grande quantidade de votos nas questões negativas, sendo rejeitados por muitas crianças. Existem ainda algumas crianças que não são escolhidas pelos colegas, mas não necessariamente recebem rejeições. Neste caso, são consideradas isoladas. É uma posição que difere da criança que recebeu muitas respostas negativas, não é como uma rejeição, reflete algo como indiferença.

Existem, porém, algumas situações mais específicas do que estas relatadas. Alguns casos mostram crianças isoladas ou rejeitadas pela maioria, mas que têm um amigo. Na turma de segunda série, temos um exemplo de um garoto, A.G., que recebe um grande número de rejeições para brincar. A.G. tem, porém, dois amigos que o escolhem para brincar e estudar. Um caso similar é o de R.C., da mesma turma, que recebe muitas rejeições para brincar, mas tem uma melhor amiga, que a acompanha sempre. O mesmo acontece com I.M., da primeira série, que recebe um número alto de rejeições e convive diariamente

com um grupo de meninas zombando dela, mas a presença da melhor amiga parece fazer toda a diferença, permitindo que ela tenha companhia durante as aulas e se divirta nos intervalos. Pode-se notar que, ainda que estes casos mostrem crianças que são excluídas do grupo de alunos, a presença de um companheiro parece minimizar a sensação de não pertencimento, pois essas crianças têm uma atitude alegre.

Algumas situações, no entanto, são de um maior isolamento. É o caso de L.L., da primeira série, por exemplo. Ele é escolhido por duas crianças para estudar, pois costuma ter bons resultados nas atividades. No entanto, não recebe nenhuma escolha para brincar, é rejeitado por seis crianças para estudar e por quatro para brincar. No cotidiano na escola, pôde-se observar que ele é uma criança que passa quase o tempo todo sozinho. Em alguns momentos, quando a professora propõe trabalhos em grupo, ele mostra resistência, em alguns momentos é agressivo. Outro exemplo de criança isolada é L.N., da segunda série. Ela é uma garota muito quieta e sozinha. Suas respostas durante a conversa mostram que ela tem uma baixa auto-estima, como ao escolher uma amiga para brincar com a justificativa “ela gosta de mim”. Suas outras respostas também são interessantes, como ao afirmar que gostaria de estudar com duas determinadas garotas porque “elas são bonitas, mas são legais.”, ou ainda, ao rejeitar um garoto para brincar porque “ele não tem nenhum amigo.”, situação parecida com a que L.N. vive.

Todos esses dados são corroborados pelo período de observação e pela conversa com as professoras. Independente de elas acertarem quem seria o mais ou menos escolhido, ambas as professoras, durante a conversa, mostraram ter clareza a respeito de como se dão as relações em suas salas. Isso se mostra principalmente por elas serem capazes de apontar, em concordância com as respostas das crianças, quem são as crianças isoladas na turma.

A existência de crianças isoladas é a questão à qual as professoras estão mais sensíveis. Observando os resultados das duas turmas, pode-se perceber que a professora da segunda série obteve respostas mais próximas das escolhas de seus alunos, acertando 41,6% das escolhas, enquanto a da primeira série acertou 25%. Ainda assim, a professora da primeira série mostrou-se bastante sensível às questões de relacionamento de seus alunos, mostrando conhecê-los

bem. Nota-se, também, que ambas as professoras tiveram mais facilidade ao tentar identificar as crianças mais eleitas ou mais rejeitadas pela turma, os que ficaram em posições extremas. A professora da primeira série teve palpites certos com menos frequência, mas acertou mais as respostas das perguntas “Quem da sua classe você não gostaria que sentasse ao seu lado para estudar?” e “Com quem da sua classe você não gostaria de brincar?”.

Os resultados do trabalho de Moreno (1962) mostram a porcentagem de acertos dos professores de todas as séries que ele investigou, do jardim da infância até a oitava série. Em seu caso, o índice de acerto dos professores foi de 48% para as crianças mais escolhidas e de 38% para os mais rejeitados. Nossos dados são apenas de professores da primeira e segunda série, mas não coincidem com os apresentados pelo autor. As professoras entrevistadas mostraram igual porcentagem de acertos, obtendo 25% para os alunos mais escolhidos e 25% para os menos escolhidos. Individualmente, no entanto, a professora da primeira série acertou mais as respostas negativas e, a da segunda série, as positivas.

É interessante notar como a prática cotidiana das professoras pode ter interferido nas respostas dos alunos. Nas duas salas, existem “garotos problemas”, que logo no primeiro dia foram apresentados como sendo os que tinham mais dificuldades. Essa rotulação das crianças, que no geral são crianças mais agitadas e que as professoras têm dificuldade de controlar, tem conseqüências diferentes nas duas salas.

Na sala da primeira série, a professora evita ao máximo essa atitude de separar o garoto do grupo. Em alguns momentos do dia, entretanto, o garoto agita a sala toda e a professora não consegue retomar a atenção da turma para a atividade que estava sendo proposta, então ela o coloca sentado no fundo, sozinho, ou o manda conversar com a diretora. O garoto tem uma atitude de respeito para com ela, dificilmente reage com agressividade e mostra carinho por ela durante algumas conversas entre os dois. Frequentemente realiza as atividades propostas corretamente, tem facilidade em ler e escrever. É um garoto bastante sozinho, que provoca os colegas, xinga e ameaça as crianças. A professora considera ser parte de seu papel fazer algo para ajudá-lo, por isso

pede que ele ajude os colegas com suas tarefas, propõe atividades em grupo, mas ele resiste.

Na sala de segunda série, esse papel do garoto de problemático é reforçado diariamente. A professora definiu-o como o garoto incapaz, segundo ela, provavelmente com algum tipo de patologia. Isso já lhe rendeu um lugar diferenciado na sala, na cadeira na frente da mesa da professora, além de exercícios diferenciados, que a professora entende por mais básicos, mas que representam uma insistência no aspecto motor da escrita. O menino está sendo discriminado e, assim, se distancia mais de uma oportunidade real de aprendizagem. Isso pode mostrar uma falta de compreensão e de uma análise mais profunda do processo de aprendizagem e da realidade do aluno, que pode ser útil na busca de explicar o fracasso e superá-lo. O menino desta sala, A.G., é muito agitado, falante, quase não fica sentado, mas é muito participativo. Ele quase nunca copia as tarefas da lousa e não resolve os exercícios em seu caderno, que é quase vazio. No entanto, quando a professora vai corrigir as atividades na lousa, ele sempre quer responder e, no geral, acerta as respostas. Ele interage com todas as crianças, não é agressivo, é amigo de todos, mas sua atitude gera uma agitação com a qual a professora tem dificuldade de lidar, por isso, o separa dos outros. Os resultados dos testes que fazem menção à A.G. são muito interessantes. Como foi comentado anteriormente, muitas crianças o rejeitam para brincar e estudar, oferecendo para isso justificativas muito próximas às falas da professora, baseadas no tumulto que ele causa. No entanto, o que se observa na prática cotidiana é que A.G. é um garoto querido pelos colegas. As falas das crianças desta turma parecem sofrer muita influência da atitude da professora da sala. Isso pode ser uma evidência do bom relacionamento que a professora busca manter com as crianças, com quem procura estabelecer uma amizade.

Pudemos, também, perceber a existência de alguns padrões que se repetem nos embasamentos utilizados pelas crianças para justificar suas escolhas. A partir de suas respostas, criamos cinco categorias gerais que englobam os motivos por trás das falas das crianças. Essas categorias são os aspectos afetivos, intelectuais, comportamentais, físicos e de gênero.

Diversos outros trabalhos encontraram uma divisão entre grupos de meninos e de meninas. Lopes, Magalhães e Mauro (2003) perceberam isso em crianças pré-escolares, Saravali (2003), em uma turma de quarta série. A pesquisa realizada por Moreno (1962) mostra também esta separação, havendo uma quantidade consideravelmente maior de escolhas entre os estudantes do mesmo sexo. A realização deste estudo mostra resultados similares para crianças de primeira e segunda série. Observamos que as crianças formam grupos por gênero e, ainda, estão conscientes disso, pois usam respostas baseadas na diferença de gênero para justificar suas escolhas.

Pudemos observar, ainda, que mesmo quando alguma menina escolhe um menino, geralmente explica esta ação com base em características que o diferenciem dos outros meninos. Por exemplo, muitas meninas rejeitam meninos por eles serem bagunceiros e fazerem brincadeiras com elas, enquanto escolhem meninos que têm o comportamento diferente, de cuidar, de protegê-las. O mesmo não acontece com os garotos. Eles rejeitam meninas por não considerarem que elas possam ser como eles, brincar das mesmas coisas. Diversas respostas de garotos excluem tanto as meninas que são diferentes deles quanto as que têm o comportamento parecido, justificando-se no fato de que meninas não entendem brincadeiras de meninos.

Percebemos também uma diferença nos critérios utilizados por meninos e meninas para embasar suas escolhas. Um aspecto que se distingue com clareza são os aspectos físicos. De todas as respostas que usaram a aparência física como explicação, apenas 20% são de meninos. As respostas referentes ao gênero também aparecem com maior frequência entre as meninas, que representam 73% dos votos referentes a questões de gênero. Os meninos apresentaram respostas, em sua maioria, fundamentadas em aspectos afetivos, comportamentais ou intelectuais.

Morais, Otta e Scala (2001) encontraram resultados que também mostram diferenças nos critérios de escolha entre garotos e garotas. Seu trabalho utilizou categorias diferentes e mostrou que meninos responderam mais à aceitação social, enquanto as meninas respondem mais frequentemente à alegria. Neste estudo, encontramos justificativas ligadas à aceitação social, ainda que muito poucas, apenas três respostas dentre toda a amostra. Diferentemente dos

resultados de Moraes, Otta e Scala (2001), no entanto, estas respostas partiram de meninas. A pesquisa dessas autoras traz elementos interessantes que podem dialogar com os dados que encontramos. As autoras mostraram haver uma relação entre as escolhas realizadas pelas crianças e características individuais positivas percebidas nos alunos mais escolhidos. Ou seja, crianças possuidoras destas qualidades, tais como alegria, aceitação social e participação, eram mais escolhidas. As crianças que apresentam mais atributos considerados negativos, como isolamento e agressividade, foram mais rejeitadas. Os resultados do teste sociométrico e as falas das crianças registradas no presente estudo corroboram os achados dos autores citados acima, no sentido em que mostram também uma ligação entre as escolhas e características positivas e as rejeições e características negativas.

Este trabalho também traz elementos que corroboram com a pesquisa de Pelissari (2006). Um dos dados que ela encontrou foi que o fato de determinadas crianças apresentarem dificuldade ou não para aprender a ler ou escrever não influenciou as escolhas das crianças investigadas por companhia para brincar. Aqui, também não encontramos respostas que liguem este aspecto a escolhas para brincar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender com mais clareza o relacionamento de crianças de ensino fundamental dentro da escola. Sobre este aspecto, acreditamos ter trazido avanços para a discussão, apresentando dados novos que contribuem para que entendamos e possamos, assim, propor novas maneiras de lidar com esta questão na prática escolar cotidiana.

As falas das crianças apresentadas aqui mostram o que está por trás de suas escolhas. Com isso pode-se saber o que leva alguns alunos a receberem muitas escolhas enquanto outros são rejeitados por grande parte de seus companheiros. Essas rejeições, no geral, são parte de um processo de exclusão destas crianças das relações construídas em sala. Moreno (1962) trata desta questão com muita freqüência em seu trabalho. Ele afirma que as relações fazem parte do ser humano. O viver em grupo traz uma sensação de bem estar para as pessoas. As pessoas dificilmente conseguem evitar ser parte de um grupo, pois geralmente vivem em situações como escola, trabalho, família e todos estes contextos implicam relacionar-se. O que o autor percebeu é que algumas pessoas viviam isoladas dentro deste determinado grupo e que isso trazia para elas um sentimento angustiante de não-pertencimento.

Isso foi observado entre as crianças acompanhadas. É fato que as crianças isoladas são minoria. Existem, mais frequentemente, crianças que são excluídas pela maioria e sofrem com insultos dos colegas, mas o que foi observado é que essas crianças, geralmente, têm um amigo ou grupo de amigos que o acompanham. Estamos considerando isolados aqueles que passam quase o tempo todo, em classe e em momentos de intervalo, sozinhos. Supõe-se que esse isolamento seja uma atitude defensiva, de auto proteção, resultante de rejeições constantes.

Moreno (2002c) afirma em seu trabalho que o ideal nesses casos seria que o indivíduo isolado procurasse envolver-se com pessoas diferentes, de outros grupos sociais, com quem talvez tivesse mais afinidade. Isso é inviável em um contexto escolar, em que não há a possibilidade de escolha do grupo. É necessário, portanto, que haja algum tipo de iniciativa por parte da escola e dos professores para tratar desta questão. O que acaba ocorrendo, como verificamos,

é que a criança desenvolve problemas de insegurança e baixa auto-estima. Acreditamos que este trabalho pode conter informações interessantes para orientar a prática pedagógica de professores, no sentido de reconhecer as motivações que levam os alunos a rejeitarem algumas crianças e pensar estratégias para lidar com isso.

A questão do envolvimento dos professores teve, inicialmente, um papel secundário nesta pesquisa. Durante o desenrolar do projeto, foi observado que o professor tem um papel fundamental nas escolhas dos alunos e na maneira como eles vivem seus relacionamentos. O que se observou é que o fato de o professor expressar sua opinião negativa ou positiva a respeito de determinados alunos influencia a escolha das outras crianças. Aqui, também, gostaríamos de salientar a importância de que o profissional da educação repense sua prática com base nesses dados. Espera-se, ainda, que sejam realizados estudos mais aprofundados com o intuito de compreender melhor como se dá este fenômeno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, D. *O teste sociométrico*. Rio de Janeiro: FGV, 1964.

BERMÚDEZ, J. G. R. *Introdução ao psicodrama*. 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1980.

BUSTOS, D. M. *O teste sociométrico – fundamentos, técnica e aplicações*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CARVALHO, E.R. *A estrutura sociométrica de famílias alcoolatras: um estudo exploratório*. (Tese de Mestrado) Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

CONCEIÇÃO, M.I. & SUDBRACK, M.F. *Estudo sociométrico de uma instituição alternativa para crianças e adolescentes em situação de rua: construindo uma proposta pedagógica*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.17, n.02. Porto Alegre, 2004.

CUZIN, M.I. *As relações interpessoais a luz do psicodrama*. (Tese de Doutorado) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

GATTI, B.P. *As Leis do Cárcere: internos do Centro de Atendimento Juvenil Especializado - CAJE*. (Tese de Mestrado) Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

GONÇALVES, A.S. *Descrição da estrutura e organização social de crianças em ambiente escola*. (Tese de Mestrado) Pará, Universidade Federal do Pará, 1999.

GOULART, B.D. *Estudo de um grupo de liderança comunitária: abordagem sociométrica*. (Tese de Doutorado) Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.

GREGOLIN, A. C. *A construção do mercado de leite: um estudo de caso dos agricultores familiares do Assentamento Paraíso no município de Unaí-MG.* (Tese de Mestrado) Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

LOPES, L.W., MAGALHÃES, C.M., & MAURO, P.I. *Interações entre pré-escolares: possibilidades de análises.* Psicologia: Ciência e Profissão, v.23 n.4. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2003.

MARTINELLI, S.C. & SCHIAVONI, A. *Percepção do aluno sobre sua interação com o professor e status sociométrico.* Estudos de Psicologia, v.26, n.03. Campinas, 2009.

MATIAS, D.P. *Abuso sexual e sociometria: um estudo dos vínculos afetivos em famílias incestuosas.* Psicologia em Estudo, v.11, n.02. Maringá, 2006.

NERY, M.P. & COSTA, L.F. *Afetividade entre estudantes e sistema de cotas para negros.* Paidéia, v.19, n.43. Ribeirão Preto, 2009.

MARINEAU, R. *Jacob Levy Moreno 1889-1974 – pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo.* São Paulo: Ágora, 1989.

MORAIS, M. L. S., OTTA, E. & SCALA, C. T. *Status sociométrico e avaliação de características comportamentais: Um estudo de competência social em pré-escolares.* Psicologia Reflexão e Crítica, 14, 2001.

MORENO, J.L. Sociometria. In: FOX, J. (org.). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade.* São Paulo: Ágora, 2002a.

MORENO, J.L. Reflexões sobre a genética. In: FOX, J. (org.). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade.* São Paulo: Ágora, 2002b.

MORENO, J. L. Conceito de papel: uma ponte entre psiquiatria e sociologia. In: FOX, J. (org.). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo: Ágora, 2002c.

MORENO, J.L. Espontaneidade e catarse. In: FOX, J. (org.). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo: Ágora, 2002d.

MORENO, J. L. *Fundamentos de la sociometría*. Buenos Aires: Paidós, 1962.

MORENO, J.L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.

PELISSARI, A.R. *Dificuldade de aprendizagem em escrita, autoconceito e aceitação social*. (Tese de Doutorado) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SARAVALLI, E.G. *Dificuldades de aprendizagem e interação social*. (Tese de Doutorado) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

SILVA, A.C. *Coesão Grupal e Crenças Sobre o Trabalho*. (Tese de Mestrado) Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

SISTO, F.F. *Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola*. *Psicologia em Estudo*, v.10, n.01. Maringá, 2005.

SLIWANY, R. M. *Sociometria: Como avaliar a qualidade de vida e projetos sociais*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SMEHA, L.N. & SEMINOTTI, N. *Inclusão e síndrome de down: Um estudo das relações interpessoais entre colegas de escola*. *Psicologia Argumento*, v.26, n.52. Paraná, 2008.

SOUZA, P. D. *Rede de Relacionamentos Interorganizacionais*: um estudo de organizações industriais em Três Lagoas. (Tese de Mestrado) Paraná: UFPR, 2003.